

CARO

BERNARDO CARO

proposições
1964 / 1984

Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti"

8 de agosto a 9 de setembro de 1984

Campinas · SP · Brasil



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO

GOVERNO MAGALHÃES TEIXEIRA

PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINAS
JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO
ELIEZER RIZZO DE OLIVEIRA
DIRETOR DE ASSUNTOS CULTURAIS
EZEQUIEL THEODORO DA SILVA

REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI
COORDENADOR GERAL DA UNIVERSIDADE
FERDINANDO DE OLIVEIRA FIGUEIREDO
COORDENADOR GERAL DOS INSTITUTOS
UBIRATAN D'AMBRÓSIO
COORDENADOR GERAL DAS FACULDADES
ANTÔNIO CARLOS NEDER

O que logo a primeira vista transpira do trabalho de Bernardo, quer se trate dos próprios sentimentos, quer do ser representado, é isto: uma necessidade imperiosa de exprimir-se, e exprimir bem, concreta e completamente.

Esse impulso da linguagem, nele, tende a transformar a expressão no seu próprio objeto de representação, qualquer que seja o tema representado na superfície. É como uma camada de pele sobre uma base de nervos. Subjetivamente, lá está o "logos", a perplexidade da linguagem, portanto do símbolo automeando-se tema e autor.

Estaria aí o segredo da admirável singularidade da arte de Bernardo, simples na aparência mas de repetição impossível ?

Tão flagrante é a sua necessidade de expressão que logo se fez conhecedor de todas as técnicas e de todos os grandes assuntos, podendo apresentar hoje uma obra de grande mutabilidade, indócil, rebelde e rica, mas curiosamente contínua. Esse conhecimento é dinâmico e converteu-o sem dúvida num dos mais ágeis pesquisadores da arte contemporânea.

Na tradição dos antigos mestres renascentistas — e pode-se dizer que, à maneira moderna, seu trabalho é uma renascença —, Bernardo tem colocado sua longa experiência de didata à serviço de todos quantos se interessam pela arte. Há décadas o vemos aglutinando discípulos, transferindo e trocando impressões, idéias, técnicas. Aliada a isso, medra em Bernardo uma personalidade depreendida, compromissada só com o seu objeto de expressão. Isso faz dele um ser inteiriço, que só pode ser reconhecido na forma como se apresenta ao mundo, isto é, pela representação.

É preciso dizer que, por tudo isso, sente a Unicamp enorme orgulho de poder contar com sua liderança à cabeça do Departamento de Artes Plásticas, onde instaurou um ambiente de entusiasmo e trabalho criativo.

Em 1974, tivemos a oportunidade de apreciar sua exposição "10 anos de arte de vanguarda", realizada no Tênis Clube de Campinas. Numa perspectiva histórica, estamos certos de que estes "20 anos de arte contemporânea" que o Museu de Arte Contemporânea, no momento certo, traz à luz do dia, vêm para ultrapassar todas as expectativas e oferecer a grande síntese da obra de Bernardo.

JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI
Reitor — Universidade Estadual de Campinas

BERNARDO CARO, vive em Campinas há 50 anos. Dedicou-se em seu trabalho a uma pluralidade expressiva: arte, ensino e pesquisa.

Participou de momentos políticos-culturais da Arte Moderna, integrando-se ao "Grupo Vanguarda" em 1964, cujo momento era uma ação de ruptura artística onde o grupo mostrava o ostracismo cultural da cidade de Campinas, através de um manifesto/movimento, em junho de 1958.

A presente mostra, identifica seu espírito reflexivo, os caminhos decisivos nas Bienais de São Paulo e em outros eventos nacionais e internacionais, a identificação do fazer artístico sem compromissos, a não ser a arte como opção de vida.

Paralelamente, seu processo artístico, refletiu-se nas atividades universitárias relacionando ensino e o pensamento criador durante 10 anos, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde sua obra "SEMPRE — 1975" sofreu o processo de decomposição pelo tempo, como propósito concebido pelo autor.

Seu percurso segue, hoje, proposições muito importantes no Departamento de Artes Plásticas — Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, em cuja dinâmica de trabalho caracteriza-se por idealismo e convicção.

Esta exposição de Bernardo Caro é, pois, extremamente relevante à nossa comunidade.

ELIEZER RIZZO DE OLIVEIRA
Secretário Municipal de Cultura, Esportes e Turismo

Será possível recriar, através de um catálogo, uma obra de 20 anos da mais intensa criatividade? Esse é o desafio que Bernardo Caro se impôs ao decidir publicar 'Proposições 1964-1984'.

Revendo, analisando, interpretando sua obra ao longo dos últimos 20 anos, Bernardo Caro sintetiza um processo altamente complexo que o levou da elaborada técnica da xilogravura à representação da paisagem interior de indivíduos. Cada obra do criador que é Bernardo Caro analisa situações, personalidades, relações humanas e as sintetiza numa plasticidade surpreendente e reveladora. Com a facilidade do artista fluente que é, Bernardo Caro passa do bi- ao tri-dimensional, criando dimensões que, provocadas pela realidade que o estimula, nos despertam. Bernardo Caro, com a facilidade do artista espontâneo que é, se soma à realidade e se integra a ela.

É assim o Bernardo produzindo suas obras, é assim o Bernardo se superando pela formação de escolas. É o artista-educador na plenitude de sua força criativa.

Sua obra de síntese, revelando suas reflexões profundas sobre os momentos sociais em que sua arte germinou, desvendando raízes culturais que dão à sua arte brasileira alcance universal, realiza o que talvez seja o maior desafio para o artista: recriar-se a partir de sua própria criação. Bernardo Caro logra isso.

UBIRATAN D'AMBROSIO
Coordenador Geral dos Institutos

Um centauro na UNICAMP

Sylvia Plath, grande voz da poesia anglo-americana contemporânea, diz num poema denominado "The couriers":

Love, love, my season
Amor, amor,
minha estação

Eu plagiaria esse fragmento poético para

Paixão, paixão,
minha pintura

e o colocaria na boca de Bernardo Caro, esse centauro das artes plásticas brasileira e universal.

Centauro porque sua criatividade é metade humana, racional, técnica, super bem estruturada, a outra, animal, telúrica, irracional, visceral.

Essa comunhão do terrível com o maravilhoso, do místico com o erótico, do sacro com o profano, do escuro da alma com a limpidez do espírito, tudo isso é Bernardo Caro.

São acordes atonais ou tonais, formas aleatórias, com polifonias requintadas, é o grito e o espanto, é o silêncio diante do Absoluto.

Vejo-o também jardineiro e flor, edifício e pedra, gota d'água e rio.

Trabalho lado a lado desse centauro.

Tenho feito experiências incríveis musicais com base em sua pintura e escultura.

O espaço sonoro composto para os 20 anos desse gênio é totalmente racional-irracional.

Tentei sentir o sangue espanhol e caboclo, a terra amarela onde pisou El Greco, com o roxo do nosso solo paulista, onde Bernardo pisa.

E a UNICAMP vive um momento privilegiado. Todos nós sentimos isso, e disso somos testemunhas.

Nosso Reitor José Aristodemo Pinotti acreditou e semeou contra todos os ventos da crise que desnorreia o mundo atual.

Acreditou, semeou, regou.

Está nascendo uma nova UNICAMP, onde o Instituto de Artes se beneficia desta recente floração.

E de novo um plágio, do plágio:

Plantar, regar, colher,
criar, criar,
renovar, renovar,
nova estação.

ALMEIDA PRADO

84

Diretor, Professor e Compositor do Instituto de Artes - UNICAMP

O BERNARDO QUE EU SEI
OU
UM DIA, UMA CASA

“Descrever em que consiste a apreciação não é difícil: é impossível.
Para descrever em que consiste ela, teríamos de descrever toda
a ambiência.”

(L.W.)

Dos vinte anos de arte comemorados por Bernardo Caro, conheci de perto alguns lances dos dois ou três intermediários; isto quer dizer inícios dos anos setenta, época em que o Brasil, no diagnóstico lapidar de Cortázar, ia tão bem e estava tão calmo que até parecia um cadáver.

Bernardo, já então, dava aulas de pintura e era um excelente professor, desses que fazem das salas escolares apenas um início, e de seus temas, questões urgentes nas vidas de seus alunos. Os seus projetos, adivinhávamos desde o início, passavam irreversivelmente pelo nosso empenho pessoal; as dúvidas que tinha ensaiavam formas de nos situarmos diante de nossas próprias perplexidades.

De fato, na época — e agora, quando, naturalmente, lembra-me o modo de Bernardo trabalhar —, o produto final do empenho que despertava, o objeto estético acabado, jamais pesou mais que as suas instâncias surpreendentemente variadas, os ambientes mais ou menos intraduzíveis em que púnhamos mãos à obra, no esforço de tornar habitável a cidade, contradizer o feérico dia-a-dia do cadáver. Na verdade, o Bernardo que eu sei é um nome com essa cara propriedade: a de referir menos a um indivíduo que a um lugar e um tempo que nos cabe fundar para termos acesso à nossa própria memória. Assim aquela casa, tão generosa de acontecimentos, que ele, certa vez, construiu.

ALCIR PÉCORA
Professor do Instituto de Estudos de Linguagem
Depto. de Teoria Literária
Campinas, Julho de 84.

Participação:

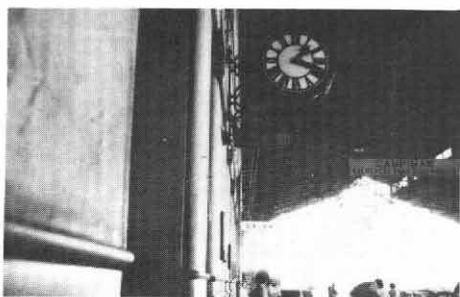
"Espaço Sonoro" ALMEIDA PRADO

**Obras compostas especialmente para a exposição:
CÂNTICO PROCESSIONAL
BALADA IBERO BRASILEIRA**

**Orquestra UNICÂMERA
Regente: BENITO JUAREZ
Coral UNICAMP**



foto tirada na rua Barão de Jaguara em 8 de dezembro de 1946 - Campinas - S.P.



Nas primeiras reflexões sobre o conteúdo deste catálogo, percorri não só as obras realizadas nestes 20 anos, mas principalmente as emoções que senti desde a concepção até o produto final de cada uma, constatando que em todas tive ao meu lado pessoas que deixaram marcas profundas pela sua presença (até as que contribuíram negativamente), por isso concluí que o mesmo teria que conter o calor inesquecível desses relacionamentos, razão pela qual lembrei de Olney Krüse, Guimar e tantas outras pessoas que aqui aparecem, quer seja nos textos, nas obras ou veladamente nas intenções. . .

O "Traquetear" das castanholas, as batidas enérgicas dos sapateados, das palmas ao ritmo "gitano" das guitarras, estimulando as evoluções de corpos que giram e se contorcem n'um frenesi mágico de amor e paixão andaluz.

O dedilhar nas cordas da viola, cadenciando com os pés no chão de terra batida, o nosso caipira desenvolvia o fetiche caboclo nas festas de junho, nas danças de S. Gonçalo, nas festas do Divino, encantando as noites das matas entre Itatiba e Bragança Paulista.

O cheiro dos olivares, dos trigais dourados, os braços estendidos, escuros e fortes de "Sierra Morena", protegendo as casas brancas, tão brancas como a "Sierra Nevada". "as mulheres de preto, n'um eterno luto".

Sentia o cheiro da mata recém cortada, da fumaça das caieiras de carvão, do barro da casa de pau a pique que o imigrante Fermin aprendeu a fazer com o caboclo paulista; os filhos, negros de carvão são lavados por Josepha. . . "as mulheres de preto, n'um eterno luto".

As carícias do Rio Guadalhorce, lágrimas das serras que nascem das pedras cinzentas, brancas e vermelhas, passando por um "pueblo blanco", "Villa Nueva del Trabuco", onde mãos furtivas apanhavam "cangrejo" no seu fundo cristalino, regando as terras de Andaluzia.

Vejo e sinto o Rio Tietê n'uma romaria à Pirapora com lanche no Salto de Itú os adultos pescavam "lambari" no rio histórico paulista.

Guerra civil que torna vermelho de sangue o Guadalhorce. Guerra que envolve toda Espanha, luta de irmãos contra irmãos. Matam em Granada, Federico Garcia Lorca.

A voz da BBC de Londres é ouvida todas as noites e através das ondas curtas de um rádio à válvulas, procurava-se separar as palavras das estáticas sonoras na esperança de alguma notícia da guerra na região de Andaluzia. Como estariam os familiares que retornaram à Espanha?

Joãozinho é um negro forte, filho de D. Adelina, negra escrava que toma conta do depósito de papel velho, parede e meia da quitanda de meus pais, em Campinas — ele é pintor de paredes e veio pintar a sala de nossa casa, trazendo brochas, latas, cal, pigmentos, leite cru e cerveja (diz que é ótimo aglutinante para a cal, porém das 6 garrafas diárias que pede, bebe 5 e usa somente uma na tinta).

Para as “Fiestas” nos “Pueblos Blancos” de Andaluzia, as mulheres vestidas de negro “blanqueiam” suas casas com cal, sobrepondo camadas anualmente, resultando com que os cantos vivos das portas, janelas e paredes fiquem arredondados e, seus rostos, braços, mãos e roupas negras, salpicados de branco.

O pintor Joãozinho dá uma demão de cal azulado claro em enormes retângulos e nos intervalos pinta uma faixa, contornando-os em tom ocre e na parte superior, uma barra decorativa aplicada com um molde vazado, por onde a tinta passa pressionada com uma brocha dura e pequena, reproduzindo motivos decorativos da Art Nouveau.

Nas “Cuevas de La Pileta” na Andaluzia, o homem da pré-história decorava as paredes da caverna com terras coloridas e gorduras animais.

A outra sala também foi pintada por Joãozinho, e a técnica usada foi diferente pois deu uma demão de fundo ocre, e com um rolete que construiu (rolete de madeira recoberto com borracha de câmara de ar, com vários pregos dobrados sobre a mesma, conseguindo saliências e reentrâncias), produzindo incríveis formas rítmicas e abstratas em marrom.

As festas na Andaluzia, com seus "cantaores", "bailaores" e "tocaores" chegam à plenitude com "Las Sevillanas", "Pasodobles", "Cante hondo", "Las Saetas" da Semana Santa, quer seja em Sevilha, Córdoba, Málaga ou em Trabuco.

A pintura da casa parou por quatro dias, é o carnaval de 1937. Joãozinho vestiu-se de Marinheiro para desfilar no cordão dos "Marujos", rival do "Leão da Várzea". O bloco "Camisa Verde" passa diante de nós, o batuque inflama seus componentes e observadores. Na Samana Santa cobre-se com as vestes da Irmandade de São Benedito. As andorinhas fazem revoada sobre a procissão de Páscoa.

Partem para o campo os "aceituneros" colher azeitonas, percorrem caminhos cobertos de amapolas, levando consigo amêndoas, azeite de oliva, vinagre, pão, sal e alho para acrescentar a cristalina água do Guadalhorce ou a uma das nascentes da serra. Fazem o "ajo blanco".

Vamos colher bananas ou laranjas em inúmeras plantações; a carroça cheia de caixotes vazios, lembrando uma torre da idade média, puxada pela égua Catarina; levamos a marmita, preparada de madrugada e junto: amendoim, lata de óleo Maria, vinagre, pão e alho para acrescentar a água de uma nascente ou poço para fazermos o "alho branco".

Alhambra, é uma das sete maravilhas do mundo, sua silueta se eleva na colina à esquerda do Rio Darro, em Granada, e no fundo se avista o branco da Serra Nevada. Neste monumento, encontramos os vestígios artísticos da arte moura, da arte renascentista no Palácio de Carlos V. A Catedral granadina teve seu início com uma planta gótica, porém foi desenvolvida sem prejuízo, com soluções renascentistas.

Os imigrantes Fermin e Josepha, passam a negociar com "ferros velhos" e ao final do dia, um balanço das peças adquiridas, algumas se destacam pela sua beleza artística e enquanto não são recolhidas para serem vendidas a quilo, são acariciadas por mãos que não podem retê-las. A Catedral de Campinas sempre é visitada, pois enchem os olhos o magnífico trabalho de Vitoriano dos Anjos.

“La Cartuja de Granada”, principalmente sua sacristia, no estilo barroco, deixa qualquer observador boquiaberto, assim como a cidade “Itálica” em Sevilha, ruínas do Império Romano. . . em Málaga nasceu Picasso.

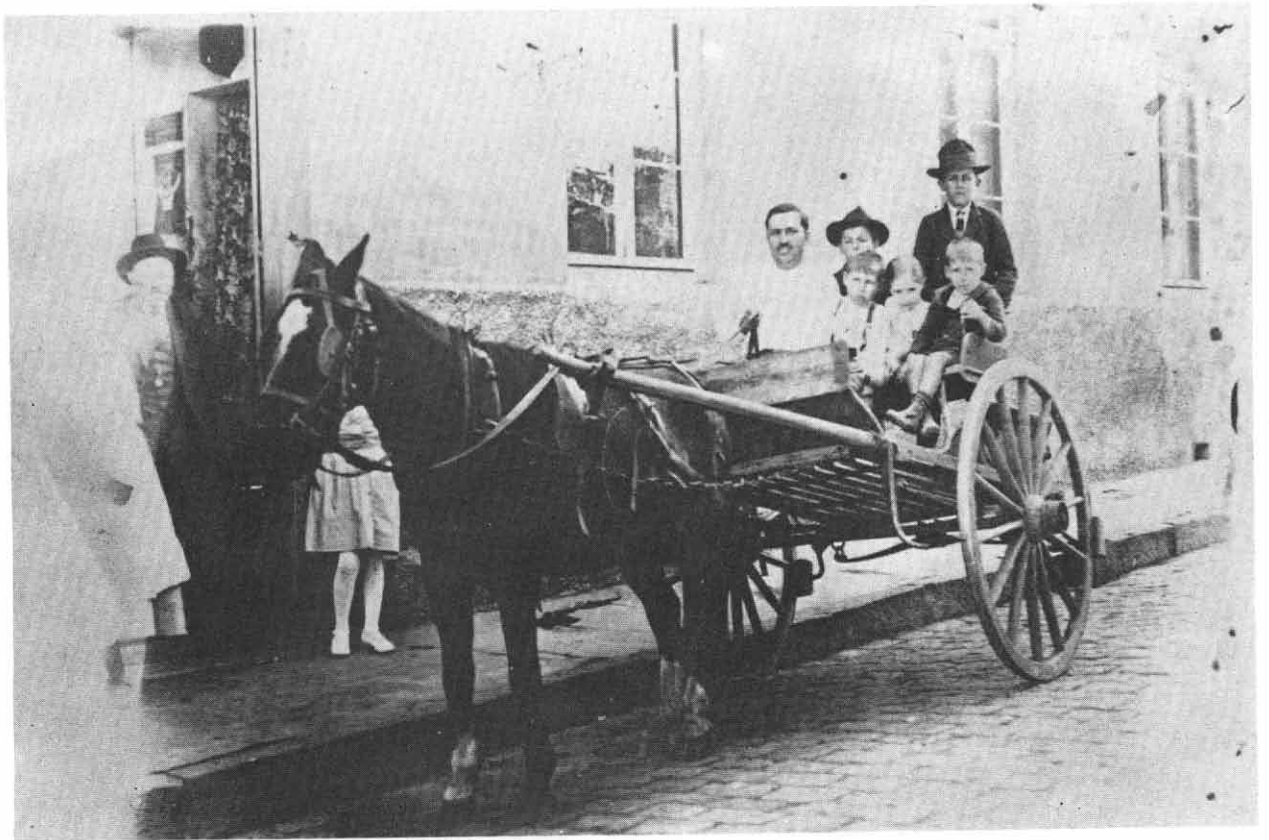
No “Beco do Inferno” sempre aparecem artistas pintores com cavaletes, paleta e telas para retratá-lo. Na rua Luzitana tinha um atelier de pintura, do artista Werner Emil Rincon. Todos os dias ia ver Caetano Miani em cima dos andaimes, pintando as cenas sacras da Matriz do Carmo. No hall do Teatro Municipal realizam-se exposições clássicas ou acadêmicas. Lazar Segall, em 1913, realizou uma exposição de pintura moderna em Campinas.

Picasso era apaixonado por touradas. A cidade de Ronda possui a mais antiga arena de touros. A capa do toureiro é vermelha, seus passos são um bailado, sua superstição vence a coragem. O público vibra com o toureiro ou com o touro. O sangue vermelho na arena nem sempre é do touro.

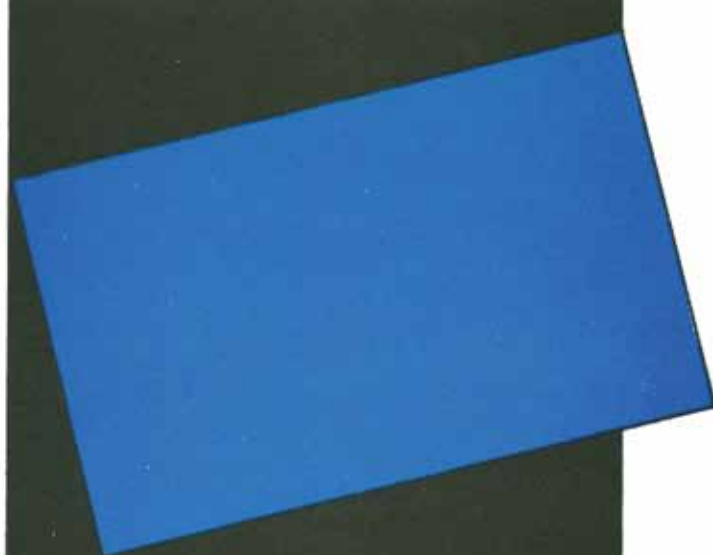
Tentamos enganar o guarda civil, pulamos o muro do antigo estádio de futebol do Guarani, denominado também de “pastinho”. O Guarani ganhou de 3x0. Fui convidado para treinar no juvenil do Esporte Clube Mogiana. Meu apelido desde pequeno era Nêgo. O Brasil conquistou a Taça Jules Rimet que foi roubada e derretida.

Em Madri está localizado o Museu do Prado, e possui obras de Morales, El Greco, Ribera, Velasques, Murillo, Goya, Fra Angelico, Botticelli, Rafael, Correggio, Tiziano, Tintoretto, Rubens, Rembrandt, Bosch. . .

Visito sempre o Centro de Ciências, Letras e Artes que possuía obras de Calixto, Campos Ayres, Oscar Pereira da Silva. . . No “Saguão” do Teatro Municipal de Campinas acontecia exposições de Nicola Zezza e outros. No Largo do Rosário as “performances” de “De Carli”, que pintava inúmeras paisagens em tempos recordes (telas de 30 x 40 cm. em cinco minutos).



el chacho — 1930



Em 1939, durante a Segunda Guerra Mundial, a Espanha permanece outra vez neutra e novamente multiplica seus esforços em favor dos feridos, prisioneiros e refugiados. Rechaça os planos de Hitler para um ataque a Gibraltar.

Navios brasileiros são afundados em nosso litoral; estudantes e povo saem às ruas exigindo de Getúlio Vargas a declaração de guerra; as paredes dos edifícios da Rua Barão de Jaguará foram forradas de frases, caricaturas e charges sobre a guerra. Colei a minha "charge" que continha Mussolini puxando uma carroça e sobre a mesma, segurando as rédeas, estava Hitler e, empurrando a mesma, Hiroito. Saí correndo com medo de que algum quinta coluna me matasse. . . Carmem Miranda. . . . Portinari. . . Admirava muito as charges de Belmonte.

A Espanha possui enormes "plazas" onde grandes eventos acontecem, assim como o tradicional mercado de "gitanos". Uma colcha de bordado a mão tem o custo real de 500 pesetas, porém o cigano pede 1800 pesetas. O turista tem que regatear muito.

Junto com Tonico, todos os dias com uma caixeta de figos em cada mão, de porta em porta no bairro rico do Cambuí, tocávamos a campainha e quase sempre a mesma frase: "não amola, moleque". Alguns anos mais tarde, voltaria ao mesmo bairro, com as mãos segurando barbantes que amarravam caixas de meia de mulheres, encomendadas na loja "A Normalista". Da mesma forma que levava as meias para serem "experimentadas" pelas mulheres da alta sociedade, também atendia às mulheres da "zona do meretrício", localizada nas proximidades do Mercado Municipal.

Na "Plaza de Espanha" em Madri, foi levantado um monumento a Cervantes, onde figuram os seus principais personagens: D. Quixote de La Mancha e seu fiel escudeiro, Sancho Pança.

Sou convidado por Juan Sanchez para fazer a decoração do Clube D. Quixote, na Rua 11 de Agosto. Faço sobre o palco, de pernas abertas a figura de D. Quixote, com armadura e tudo o mais que tinha direito. Começa uma fase muito importante, onde não escondia minha admiração pelo mestre "Perina": "Palácio dos Confetes", "Noites Andaluzas", "Pagode Chinês", "Mil e uma Noites", "Lendas Brasileiras", "Favela", "Noites Venezianas", . . .

Picasso foi para a França. Encontrou Braque e surgiu o Cubismo.
Braque foi ferido na guerra. Novos relacionamentos para Picasso.
O gênio do século.

Em 1955 vou lecionar em Uchoa e, depois, em Tanabi.
Ganho sempre carona de Dinorath do Valle, entusiasta da arte moderna. Acontecem as primeiras Bienais. — Remoção para Amparo: "Instituto de Educação Dr. Coriolano Burgos"; Juarez Monteiro, Dr. Jaupery, família do Sr. Ulisses Henrique — Berenice. — Remoção para Valinhos: Salões de Arte Estudantil. — Campinas: C.E.Prof. José Villagelin Neto e Colégio Progresso — "happenings" estudantis.

Em Málaga encontramos os "Jardins de Picasso" e em Barcelona o "Museu de Picasso", seu antigo atelier. Picasso pintou Guernica e nunca mais voltou à Espanha, por não concordar com o General Franco. A Espanha consegue, somente depois da morte de Franco, a posse da obra Guernica.

Palestra sobre Arte Clássica a convite do Prof. Juarez, em Amparo e novamente convidado para outra, versando sobre Arte Moderna. Procuro, junto ao Grupo Vanguarda, material para a referida palestra. Início das pesquisas na técnica da xilogravura. Encontro em Geraldo de Souza o estímulo para o grande desafio: "Arte Moderna". Em julho de 1964, inauguro minha primeira mostra na Galeria de Arte "AREMAR" — compareceram oito pessoas. Ingresso no Grupo Vanguarda. Montamos um atelier junto com Raul Porto no Edifício R. Monteiro, depois no Edifício Catedral e por último na Travessa do Rodovalho, 80. Estamos nas fases das xilogravuras, lacregrafia, papelografura. Foi uma união muito profícua. Raul é uma boa cabeça. Valeu!!!

Em 1967 participo pela primeira vez da Bienal Internacional de São Paulo, iniciando uma série de dez participações, entre Bienais Nacionais e Internacionais. Na IX Bienal Internacional obtive o "Prêmio Aquisição Itamaraty" com a gravura: "Mulheres x Saravá"; o "Cavalinho de Pau", em 1972, é censurado por sua mensagem política, mas participa da mostra causando grande polêmica. Em 1974, eu e a Equipe Convívio, conseguimos o Prêmio Bienal Nacional com a obra: "Mulher Totêmica" e, com a mesma equipe, realizamos o "SEMPRE": "cabeças que se olham, mudas, mas que mantêm um diálogo eterno"; não são as cabeças da ilha de Páscoa, são nossas ilhas, nossas cabeças. Depois da Bienal, a obra foi montada no Campus da Pontfícia Universidade Católica de Campinas, sofrendo a ação do tempo para cumprir sua finalidade: "destruição" da matéria, pois as idéias jamais serão destruídas. "Isto foi, isto é, isto será": "Sempre 1975". O seu processo de decomposição durou 432 dias. Hoje só resta o documentário cinematográfico. . . Numa divergência entre Berenice e eu sobre a cor a ser repintada numa peça, pergunto ao meu irmão Nídio de Godoi, amigo de infância que sempre nos auxiliou nas montagens: "o que acha desta nova cor?". Resposta envolta de toda simplicidade que o caracteriza: "agora sim, tem estática". Essa era sua estética. Valeu!!!

Os salões de Arte Contemporânea de Campinas, cuja criação foi obra da Secretária de Educação Profa. Jacy Milani, foram laboratórios incríveis para as Artes Plásticas brasileiras.

Revendo tudo, fico até certo ponto questionando em saber quais foram os motivos que me levaram, durante estes vinte anos, a não procurar "marchand", Galerias de Arte, diretores de museus ou críticos de arte, para conseguir promoções ou espaços para expor meus trabalhos, principalmente nas capitais.

O sangue vermelho na arena nem sempre é do touro. . .
nem sempre é de sangue o vermelho que tinge o Guadalhorce. . .
o vermelho de meus trabalhos é a minha emoção.

Os vestidos pretos n'um eterno luto. . . o negro pó de carvão
por todo corpo. . . Mataram Federico Garcia Lorca. . .
"Ficaram quietos: los niños, los duendes, la luna".
O negro da noite, esconde tudo. Ferindo a madeira nas xilogravuras,
procurei Dulcinéia del Toboso, encontrando muitas outras nos rituais,
nas garrafas ou em qualquer gesto expressivo que realizei.

Às cinco da tarde morreu um toureiro. . .

Bernardo Caro
1984

XILOGRAVURAS 1964



1. XILOGRAVURA
1964 – 0,34 x 0,46 cm

2. EVOLUÇÃO
1964 – Xilogravura –
0,34 x 0,46 cm

3. XILOGRAVURA
1964 – 0,34 x 0,46 cm

4. TRÊS LUAS
1964 – Xilogravura –
0,34 x 0,46 cm

5. XILOGRAVURA
1964 – 0,34 x 0,46 cm

6. XILOGRAVURA
1964 – 0,34 x 0,46 cm

7. COMPOSIÇÃO
1964 – Xilogravura –
0,57 x 0,77 cm

8. XILOGRAVURA
1964 – 0,34 x 0,46 cm

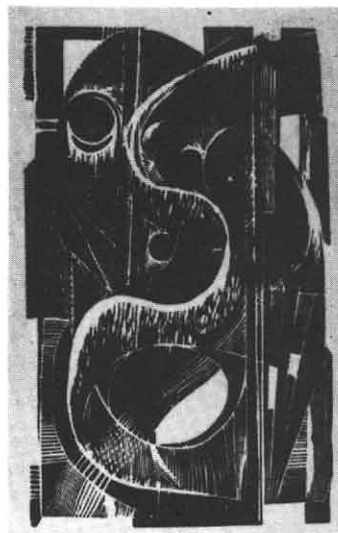
9. COMPOSIÇÃO D
1964 – Xilogravura –
0,57 x 0,77 cm

10. COMPOSIÇÃO A
1964 – Xilogravura
0,57 x 0,77 cm

11. COMPOSIÇÃO B
1964 – Xilogravura –
0,57 x 0,77 cm



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11

Bernardo Caro tornou-se nos últimos tempos um dos artistas mais destacados do grupo campineiro de vanguarda. Suas realizações como gravador são bem conhecidas. Acaba de estreiar na op art objetista com grande sucesso. Tendo sido premiado no Salão de Pesquisas Operacionais Bernardo Caro é também um desenhista criador de tendência realista fantástica. Essa parte de sua obra não tem sido suficientemente exposta à crítica e ao público.

Bernardo Caro teve inicialmente uma formação acadêmica como muitos de seus colegas campineiros que depois se libertaram dessa influência e se integraram na arte contemporânea. Começou, há uns quatro anos, a sua fase significativa, com a execução de notáveis gravuras.

Em 1964, fez uma série de xilogravuras com temática espacial cósmica tendendo para uma linha de realismo fantástico, mas ainda mostrando afinidade com o abstracionismo geométrico. Esses trabalhos já possuíam excelentes qualidades de composição espacial e de gravura, apesar de um tanto tímidos. Apresentavam uma característica de grande interesse: a combinação de elementos fantásticos e mágicos. Numa outra série de xilogravuras da mesma época, a tendência mágico-fantástica já se desprendera do geometrismo abstratizante, substituindo por formas de aparência orgânica animal. Nelas, o fantástico de Caro adquiriu um sentido mitológico e cosmogênico. Essas xilogravuras não utilizam uma expressão literária, como acontece frequentemente nas obras plásticas de temática mitológica. Como nas da série geometrizante, a linguagem era puramente gráfica e plástica.

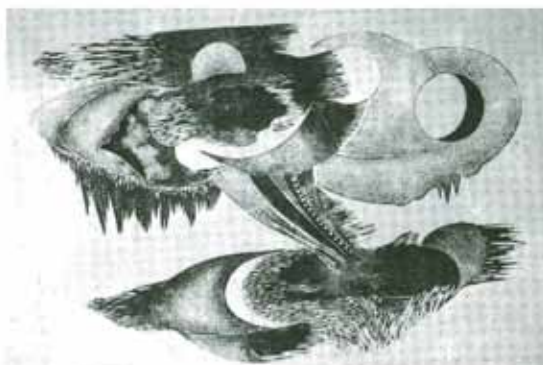
Na fase seguinte, Caro fez gravuras em branco e preto e outras coloridas inspiradas em inscrições e grafitos de velhos muros. Nesses belos trabalhos, o seu interesse se desloca dos temas cósmicos para os da vida quotidiana, do sublime para o humano. Ele se aproxima assim da corrente principal do novo realismo brasileiro, voltado para as vivências mais singelas e para os problemas sociais. Contudo mesmo nessa série, ainda transparece a atração de Caro pelo mágico e fantástico.

Nas gravuras mais recentes, as de 1966, Bernardo Caro experimenta tamanhos maiores e amplia as suas pesquisas de colorido. Utiliza uma técnica pessoal de gravura em lacre que lhe permite obter grandes áreas de cor unida, com resultados excelentes. Essas gravuras grandes apresentam uma combinação da inscrição mural com estruturas misteriosas evocadoras de ídolos primitivos ou de rochas. A preocupação pela presença humana imediata se concretiza em muitas delas, pela impressão direta da mão, ora a mão do artista ora das mãos de suas filhas. Há uma afinidade sutil entre Caro e Niobe Xandó, que se evidencia nessa série de gravuras e na decoração do tubo do seu Kaleidoscópio.

O Kaleidoscópio do Salão de Pesquisas Operacionais das Folhas, é uma obra de grande interesse. Revela um alargamento extraordinário da visão artística de Caro e as suas grandes possibilidades na direção do novo realismo. Nesse objeto surge novamente a combinação de novo realismo e de atração pelo mágico, tão marcada nas suas gravuras. O Kaleidoscópio, instrumento tradicional de magia visual, foi transformado por Caro num objeto popular de feira muito sugestivo.

Os desenhos coloridos de Bernardo Caro mostram, de maneira mais clara algumas das suas gravuras. Há neles mais calor e dramaticidade, assim como, aspectos diferentes da visão mágico-fantástica. São utilizados recursos cromáticos e texturiais mais complexos, que Caro evita deliberadamente em sua gravura.

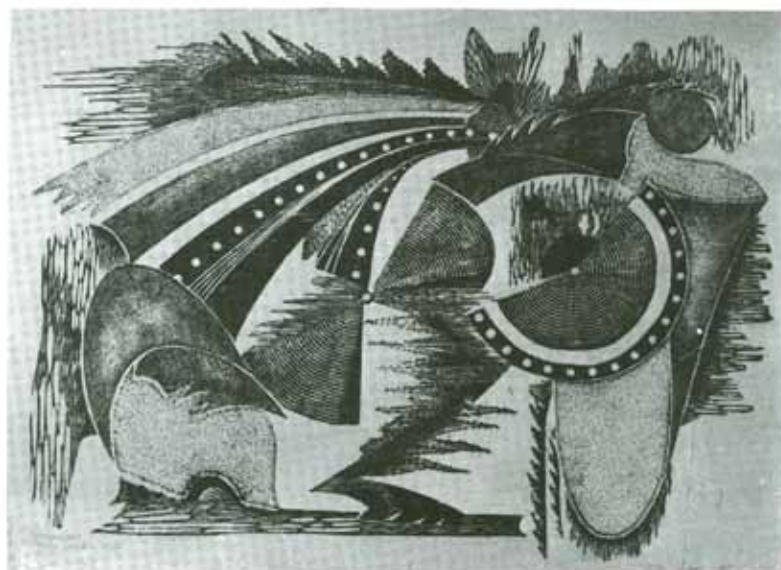
Mário Schenberg
1966



12



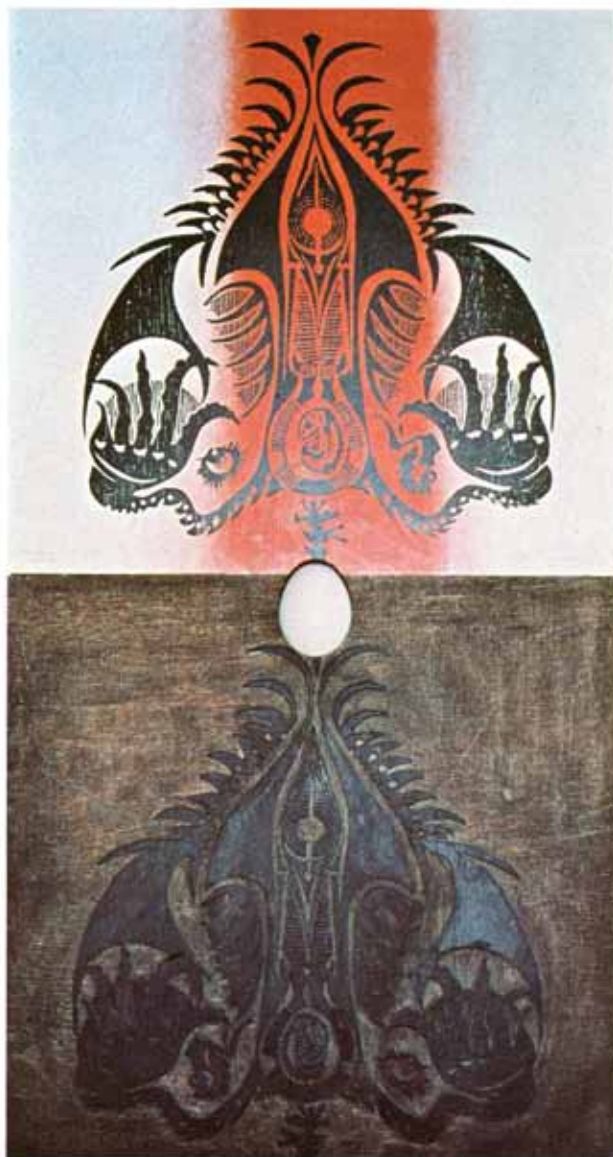
13



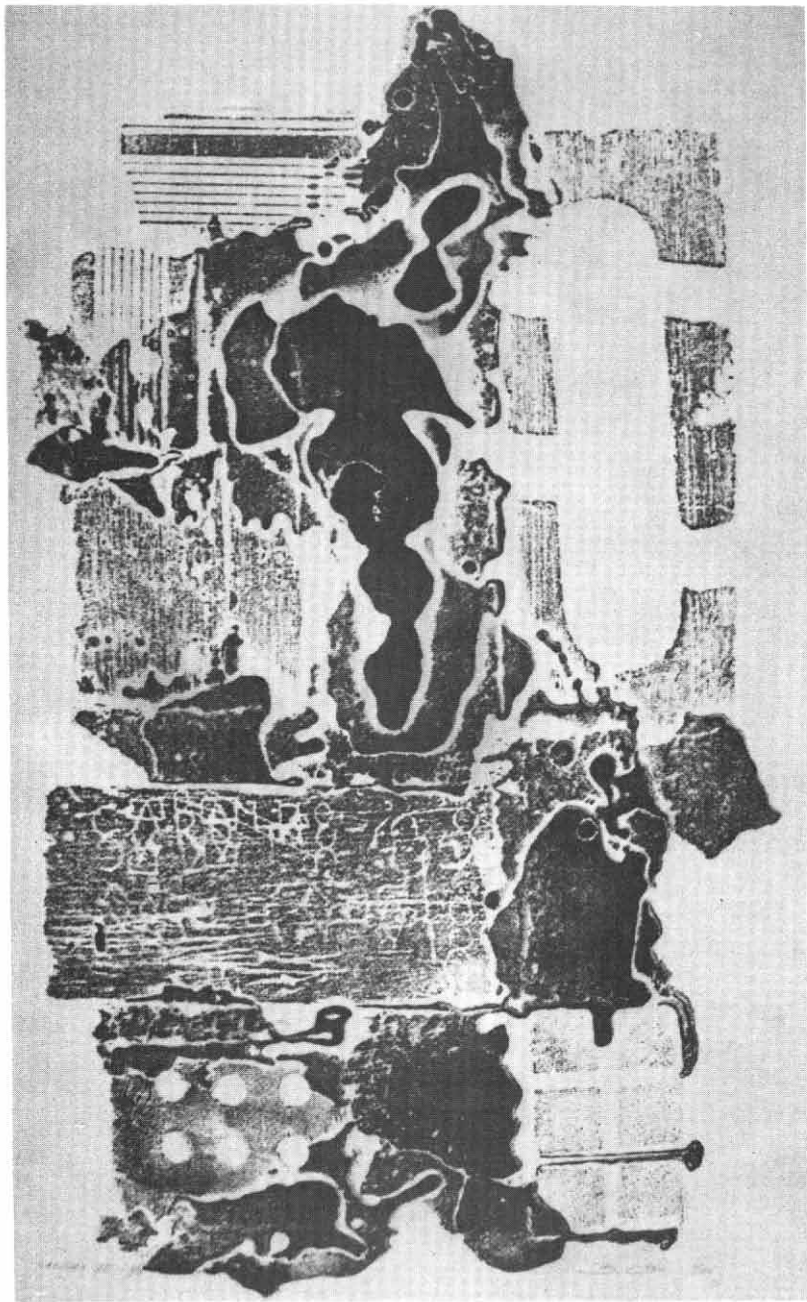
14

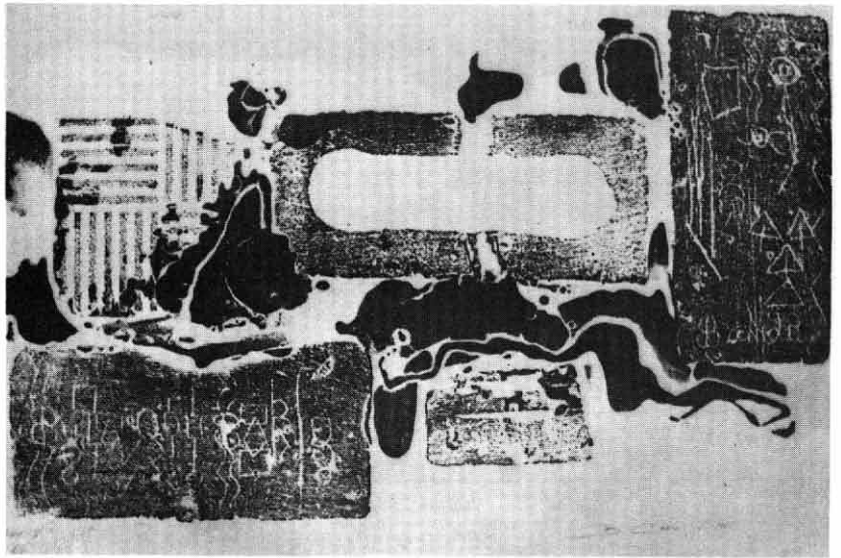
- 12 Gravura I — 1965
técnica mista
0,68 x 0,82 cm
- 13 Enígmata II — 1965
Gravura: técnica mista
0,82 x 0,68 cm
- 14 Enígmata III — 1965
Gravura: técnica mista
0,82 x 0,68 cm
Prêmio "Medalha de Bronze"
XV Salão Paulista de Arte
Moderna — S.P. 1965

14A Gravura Experimental I
Xilogravura
0,50 x 0,90 m



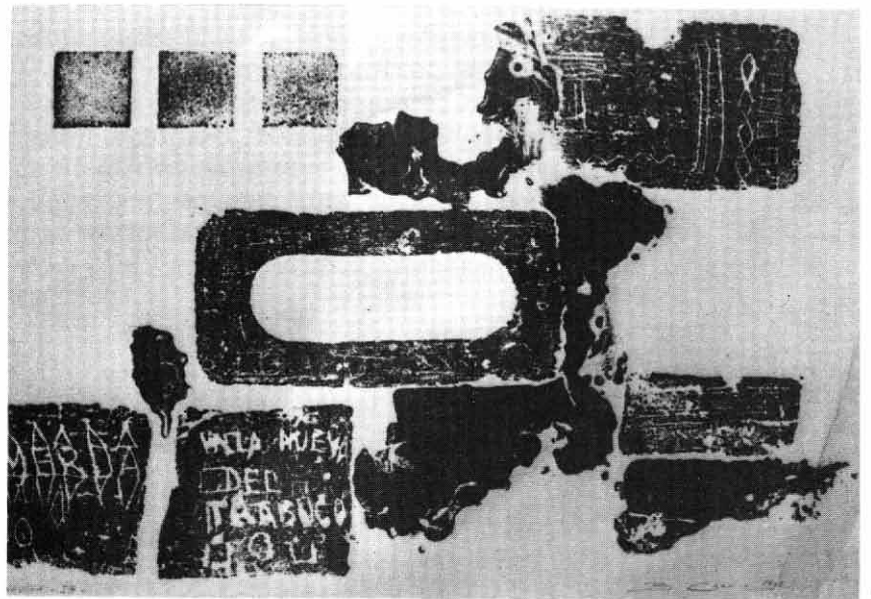
15 Gravura VII
técnica mista — 1966
0,62 x 0,82 cm





16

16 Gravura II — 1966
técnica mista
0,82 x 0,62 cm



17

17 Gravura I B — 1966
técnica mista
0,82 x 0,62 cm



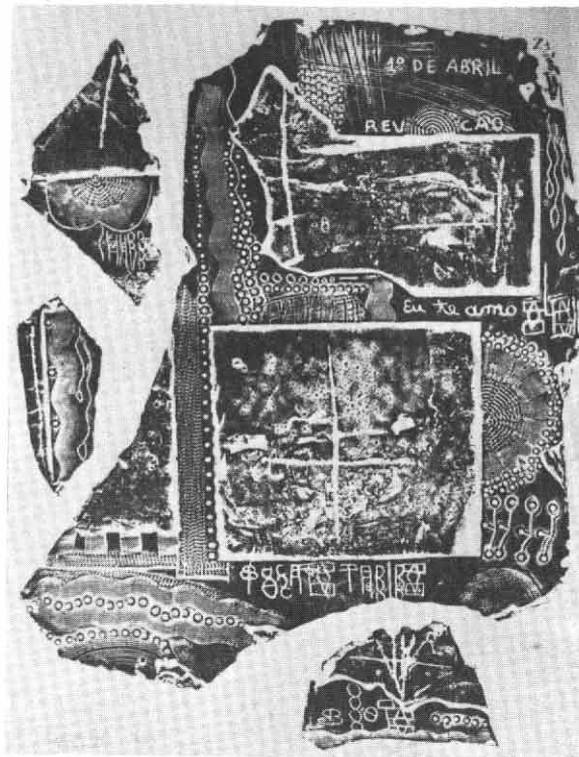
"O muro é uma grande tela (suporte) e o artista é o povo". B. Caro, 1966.

ALFABETO DEFORMADO — METAMORFOSE GRÁFICA

Sendo as letras sígnos criados e utilizados pelo homem através dos tempos, quer seja em forma de escritas pictográficas, ideogramas ou por símbolos gráficos que se combinam representados por todos valores conceituais do ser humano, pesquisamos nos grafismos dos muros (banheiros, carteiras escolares, etc.) incisões gráficas que expressam símbolos, sígnos, palavras, protestos e pornografia.

Nesta pesquisa encontramos a preocupação escrupulosa do adulterar, modificar, transformar principalmente as expressões pornográficas ou a identidade do autor para que ninguém possa identificá-la, ressurgindo novas formas com ritmos espetaculares e surpreendentes.

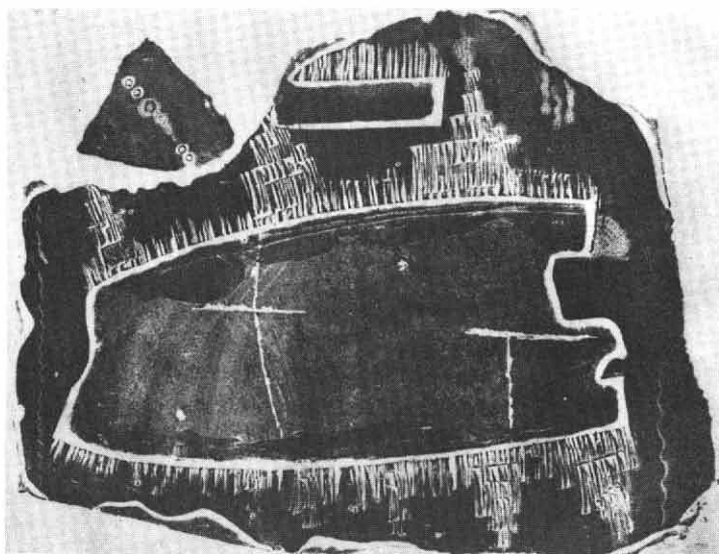




18

- 18 1º de Abril — 1966
Gravura - técnica mista
0,68 x 0,82 cm
Prêmio Aquisição
XVI Salão Paulista de
Arte Moderna S.P.

- 19 Simbiose 1/5 — 1966
Gravura - técnica mista
0,82 x 0,68 cm



19

- 21 Mão de Filha — 1966
Gravura — Lacregrafia
1,16 x 0,85 cm
- 20 Vazados em preto Nº II — 1966
Gravura — Lacregrafia
1,16 x 0,85 cm





22 Mulheres X Saravá — 1967
Xilogravura — 6/20
0,71 x 1,06 m

23 Mulheres X Dor — 1967
Xilogravura — 5/30
0,71 x 1,06 m

24 Mulheres X Perdição — 1967
Xilogravura — P/A
0,71 x 1,06 m

23



22



24





25

26 Mulheres X Noite — 1967

Xilogravura — 1/50

0,71 x 1,06 m

25 Mulheres X Sensualidade — 1968

Xilogravura — 2/20

0,71 x 1,06 m

27 Mulheres X Madrugada — 1968

Xilogravura — 2/20

0,71 x 1,06 m



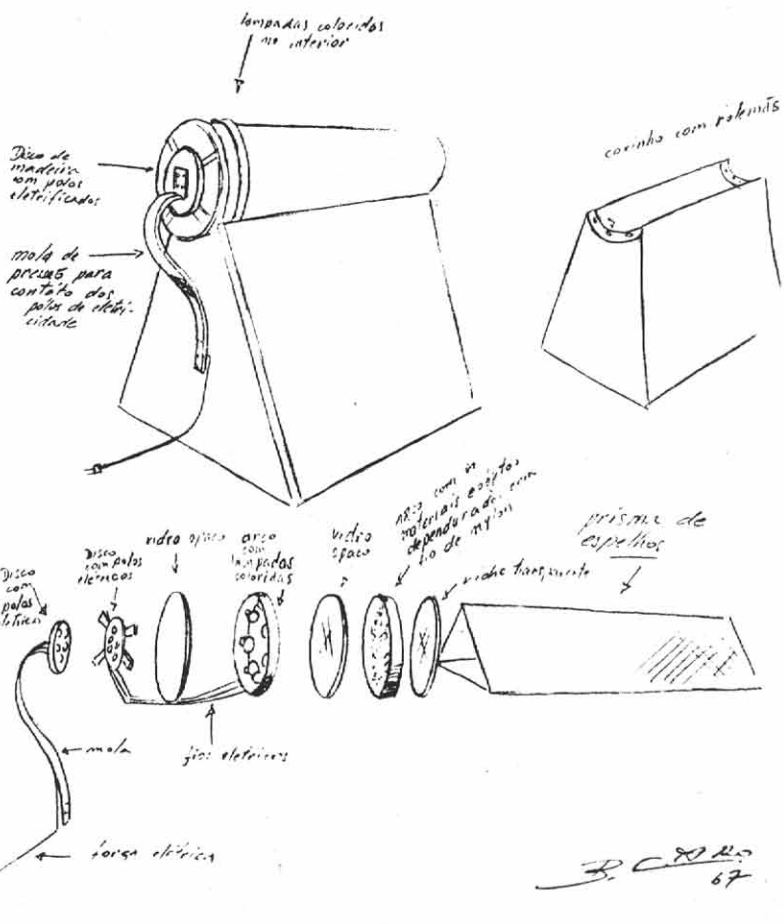
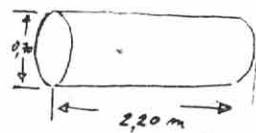
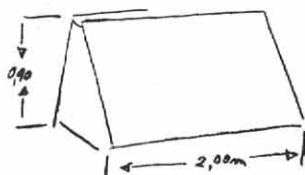
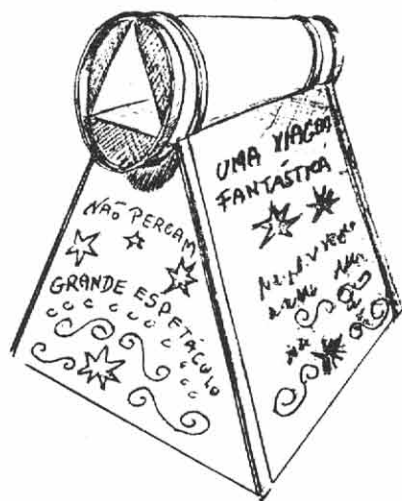
26



27



Projeto: Kaleidoscópio



J. C. R. 67

- 29 Kaleidoscópio — 1967
madeira e espelho
0,95 x 1,70 x 2,00 m
Prêmio "Folha de Prata"
I Salão de Pesquisas Operacionais das
Folhas de São Paulo





30



31

30 Mulheres X Protesto amarelo — 1971
Xilogravura — P/A
0,71 x 1,06 m

31 Mulheres X Protesto azul — 1971
Xilogravura — P/A
0,71 x 1,06 m



32

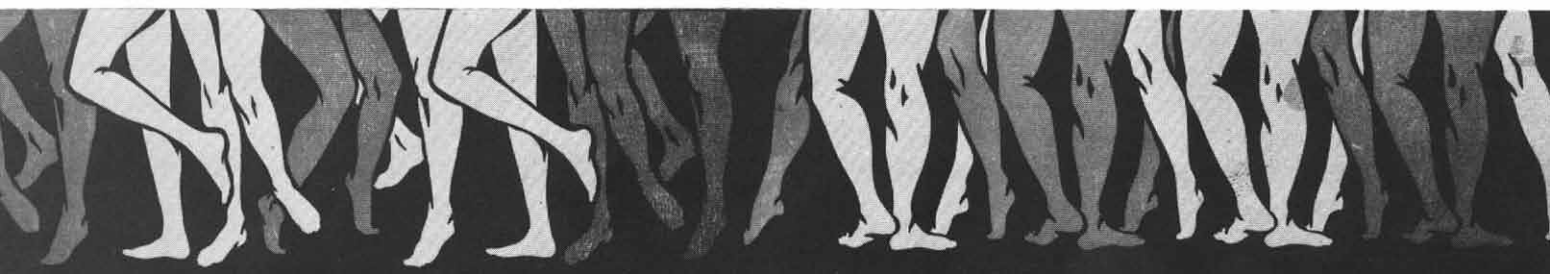
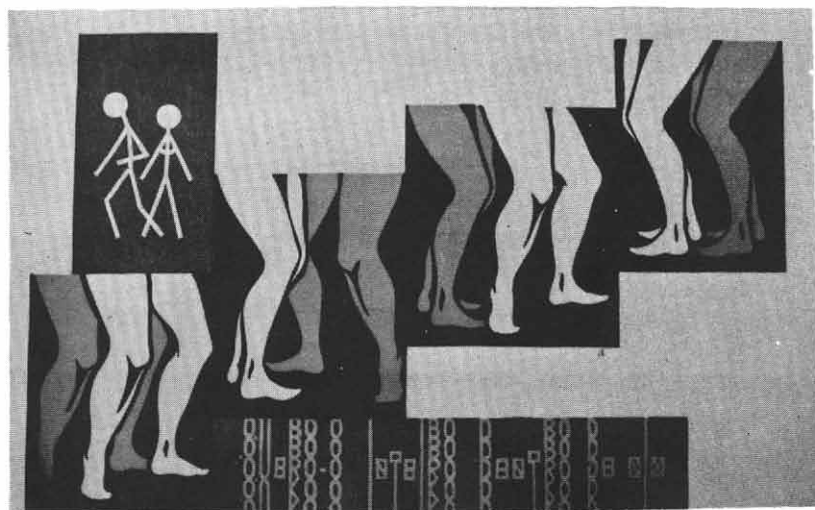
32 "Tríptico I" — 1970
 Gravura, pintura e escultura
 Prêmio Aquisição — VI Salão de Arte
 Contemporânea de Campinas
 Faces: A, B, C: 1,00x2,50m

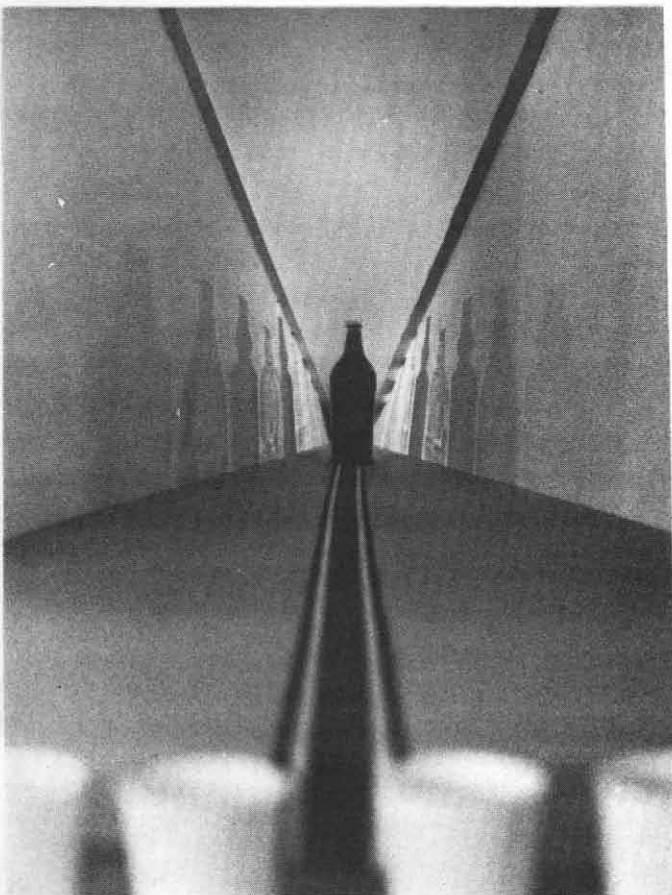
33 Mulheres X Garrafas em marrom — 1971
Xilogravura — P/A
0,71 x 1,06 m





32 "Tríptico I" — 1970
 Gravura, pintura e escultura
 Prêmio Aquisição — VI Salão de Arte
 Contemporânea de Campinas
 Faces: A, B, C: 1,00x2,50m





O altar
conceitual — ambiental

35A

Prêmio Aquisição — VII Salão de Arte Contemporânea de Campinas —
1971

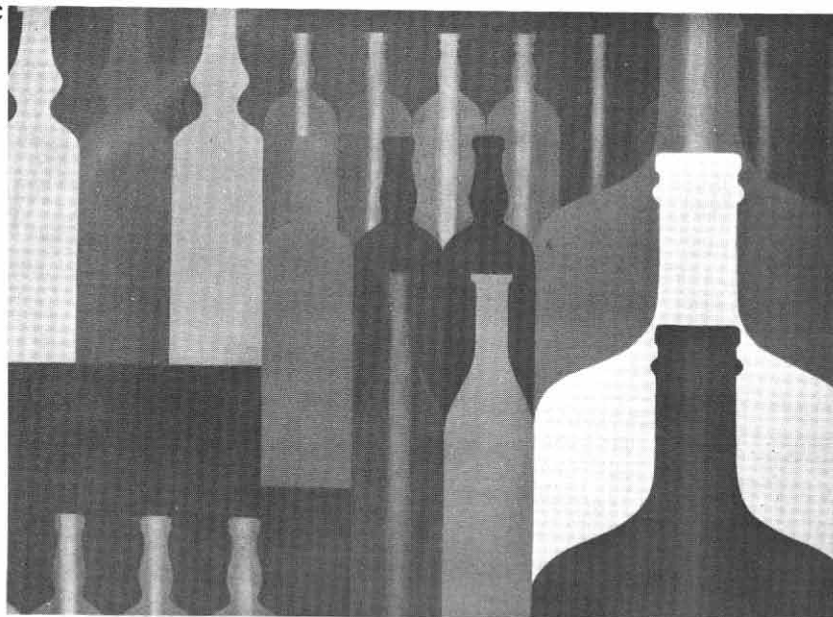


Isolados
conceitual — ambiental

35B

35C "Perfilados" - 1971
Acrílico s/tela
0,90 x 0,75 cm

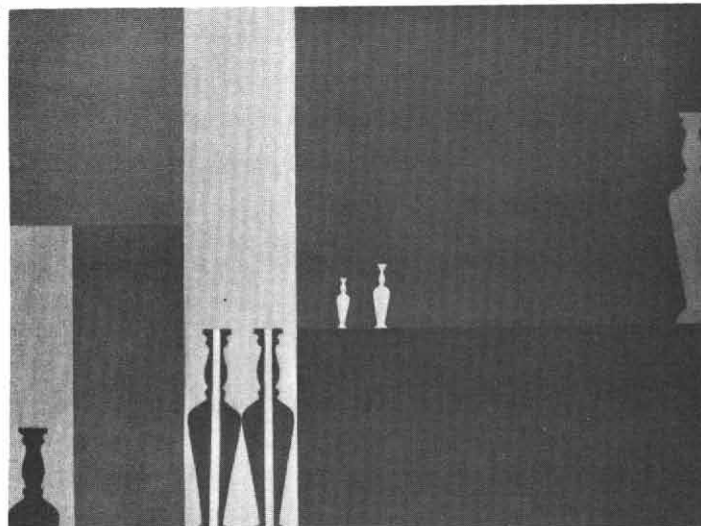
35C

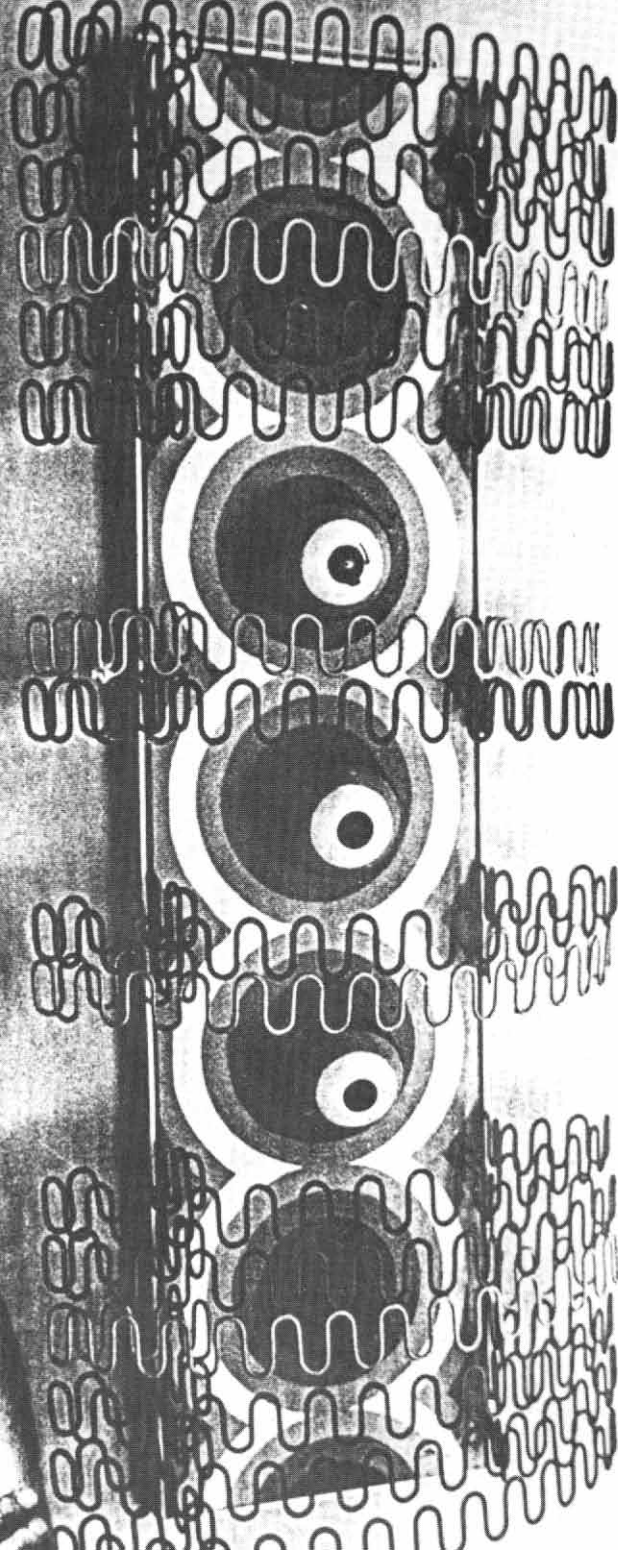


35D "Sentinelas" - 1971
Acrílico s/tela
0,90 x 0,75 cm

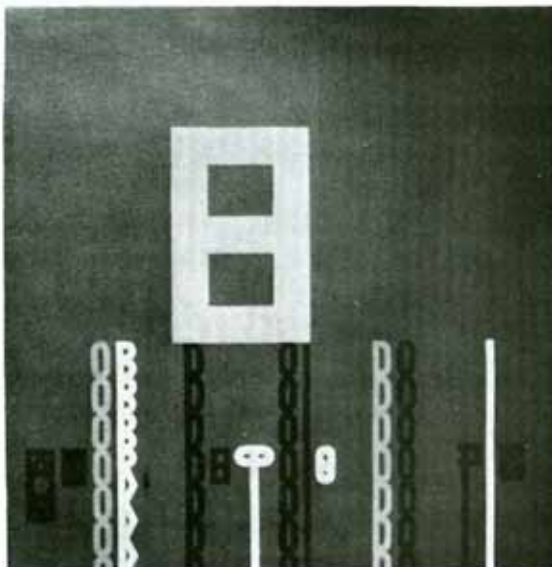
36 Vibrações — 1971
Madeira e aço —
1,80 x 0,60 x 0,45 m
Prêmio — Medalha de Prata
IV Salão de Arte
Contemporânea de Piracicaba

35D



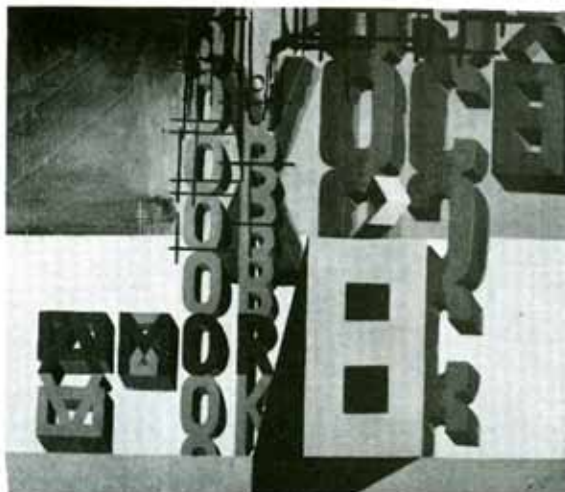


37A "E amor, depois do fim" - 1973
Acrílico s/tela
1,00 x 1,00 m



37A

37B "Amor é você" - 1973
Acrílico s/tela
0,70 x 0,60 cm



37B

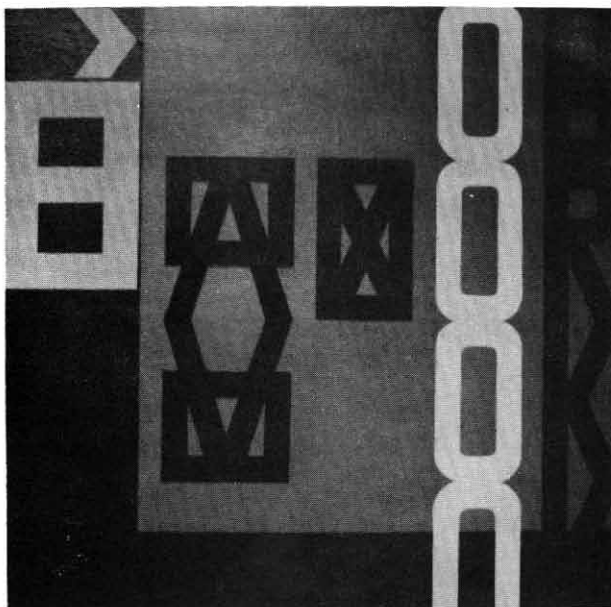
37C "Vida é amor" - 1973
Acrílico s/tela
0,60 x 0,85 cm

37D "É amor" - 1973
Acrílico s/tela
1,00 x 1,00 m

37C



37D



brasil plástica - 72
pré-bienal de são paulo
do sesquicentenário da
independência

A Pop-Art brasileira precisava de um monumento. Ele foi feito por Bernardo Caro, tem 350 centímetros de comprimento e 280 de altura. A estrutura é frágil; o resultado final, sólido. O "Cavalo" de Bernardo Caro não é o de Tróia e nem o de Napoleão. É aquele brinquedo de menino brasileiro, feito com madeira, papelão laminado grosso, água, gesso, polvilho e pele (natural) de carneiro. Não é um brinquedo que diverte, mas um brinquedo que propõe uma série de perguntas, de resto, sem respostas. Bernardo Caro sabe disso.

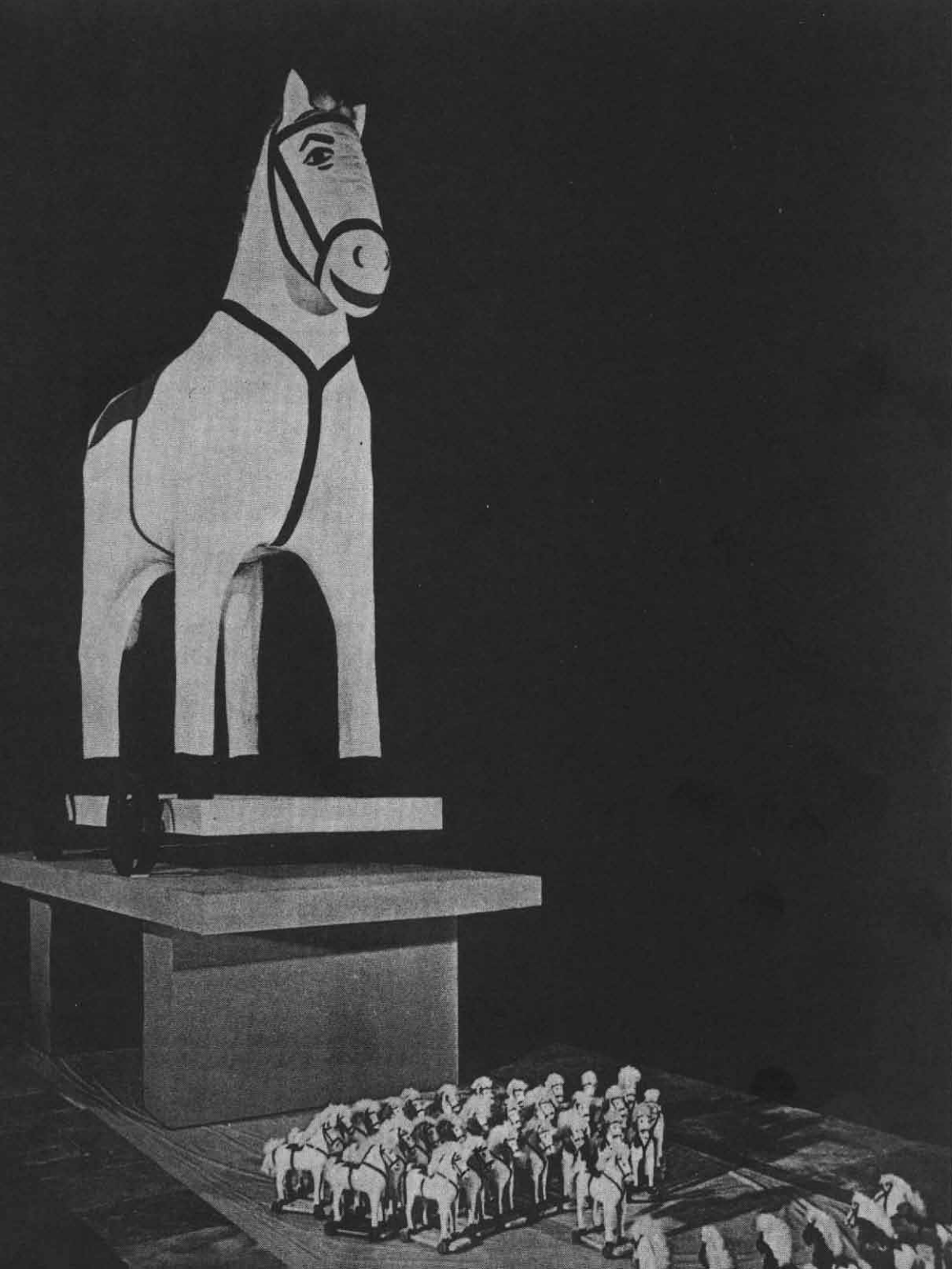
Daí essa admirável coragem de aumentar suas proporções e fazer do "Cavalinho de Pau" (título com que a obra foi exposta na Pré-Bienal de São Paulo em 1972) um animal político. Político porque a própria amizade homem-cavalo e sua silenciosa inter-relação é um fato que se perde no tempo e no espaço. O homem primitivo nunca dispensou cuidados e atenções à mesma diversificada utilidade do cavalo, que o homem contemporâneo continua supervalorizando. Com justificadas intenções.

Bernardo Caro é de Itatiba. Vive em Campinas há 40 anos. Divide seu tempo entre criar e ensinar, aos outros, como criar. Há um conflito nisso tudo e quem perde um pouco é o artista. E nós, espectadores um pouco aflitos e ansiosos diante de suas obras muito inquietadoras. Espectadores em permanente expectativa diante daquilo que sua próxima obra vai sugerir. Ou insinuar, com um brilho muito sutil de quem faz arte contemporânea por necessidade e convicção interiores. E não apenas com medo de um possível ostracismo estético.

Olney Krüse
(Calendário BOSCH - 1975)

BRASIL PLÁSTICA — 72
PRÉ—BIENAL DE SÃO PAULO
DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Títulos: Obstáculos
Comemorando 16:30 h
Comitiva
Tudo ao chão
Rompimento



O CAVALO

Solta teu cavalo
que não é de Troia
mas tem a clareza
nua de uma jóia;
e um resíduo rico
de infância perdida
que se recupera.

Cavalo-quimera,
cavalo-candura,
indefeso e manso
como a criatura
antes da ciência
que gera o egoísmo
pela inteligência.

Que venha o cavalo
de Bernardo Caro
com mil cavalinhos.
Que venham terrestres
por nossos caminhos
limpando a poeira
das lembranças-urzes,
refazendo o dia
das primeiras luzes
onde fomos (somos)
o inventor perfeito
de um sonho por vir.

Solta teu cavalo
neste prado amargo
que ensina a partir.
Vamos no seu bojo
como num regaço
disfarçando o nojo
de um tempo padraço,
mas reconfortados
pelas crinas leves
como o leite antigo
dos inaugurados.

Walmir Ayala
Rio, 21-8-72



meu caro Caro

quase tres anos depois de ter escrito este poema encontro a copia que tanto procurava para te mandar. Na ocasião remeti para a Bienal de São Paulo, em teu nome, mas se extraviou. Desde então tenho vasculhado meus papeis, inutilmente. Anteontem encontrei numa pasta de assuntos vários o original e, ainda que tarde (mas não tão tarde que não possa ser revisitado) mando-te o poema que é teu.

Abraço do

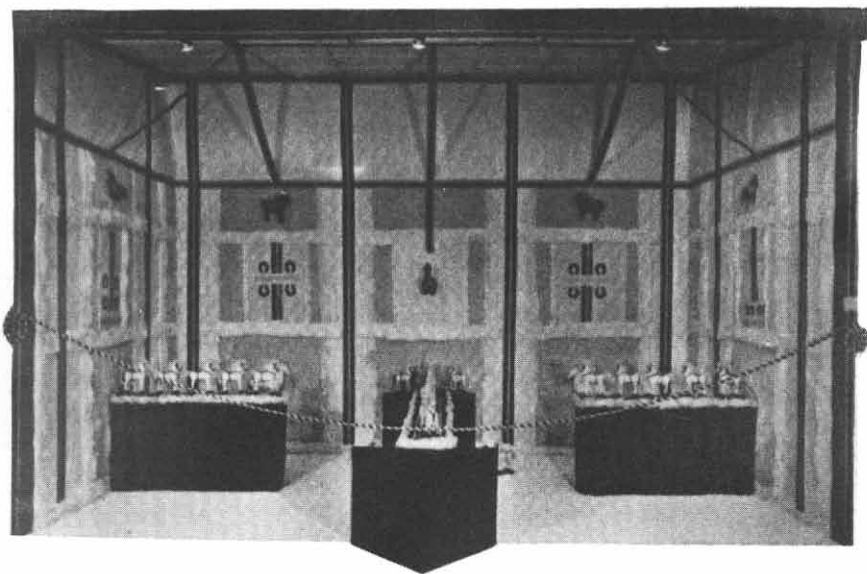
Wari Ayar

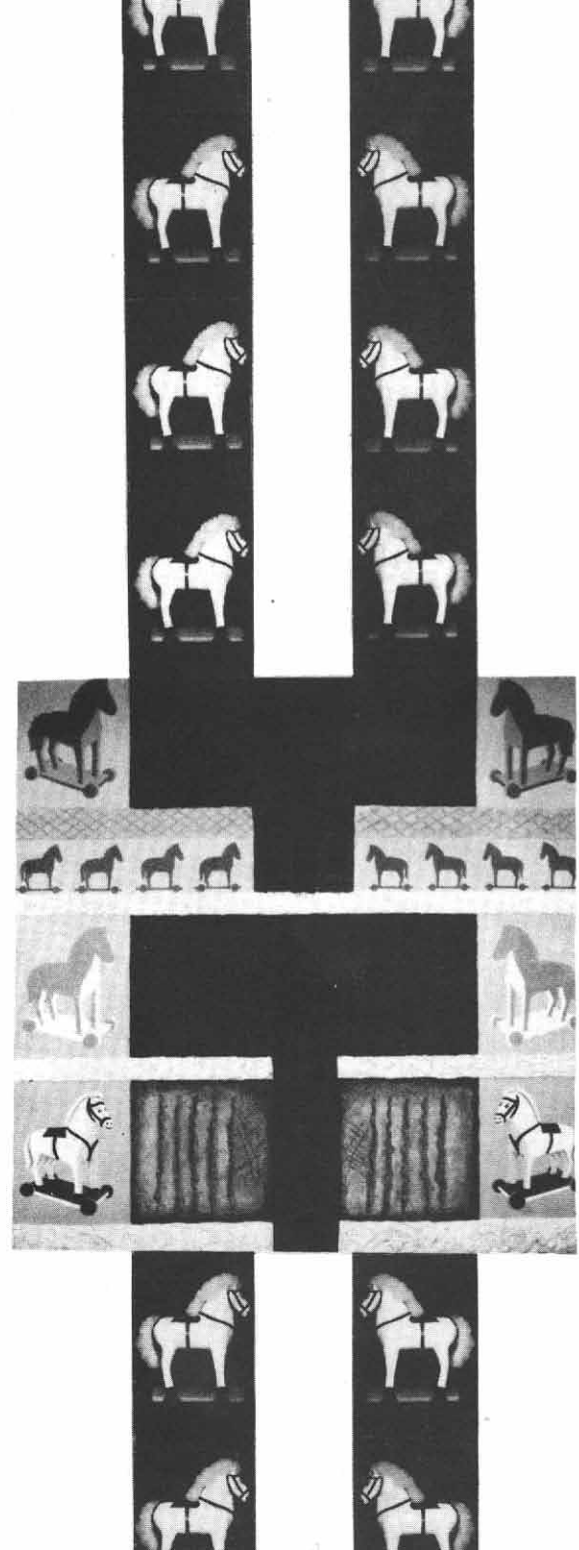
39 Mulher, cavaleiro e garrafa
Acrílico s/tela
1,35 x 1,35 m



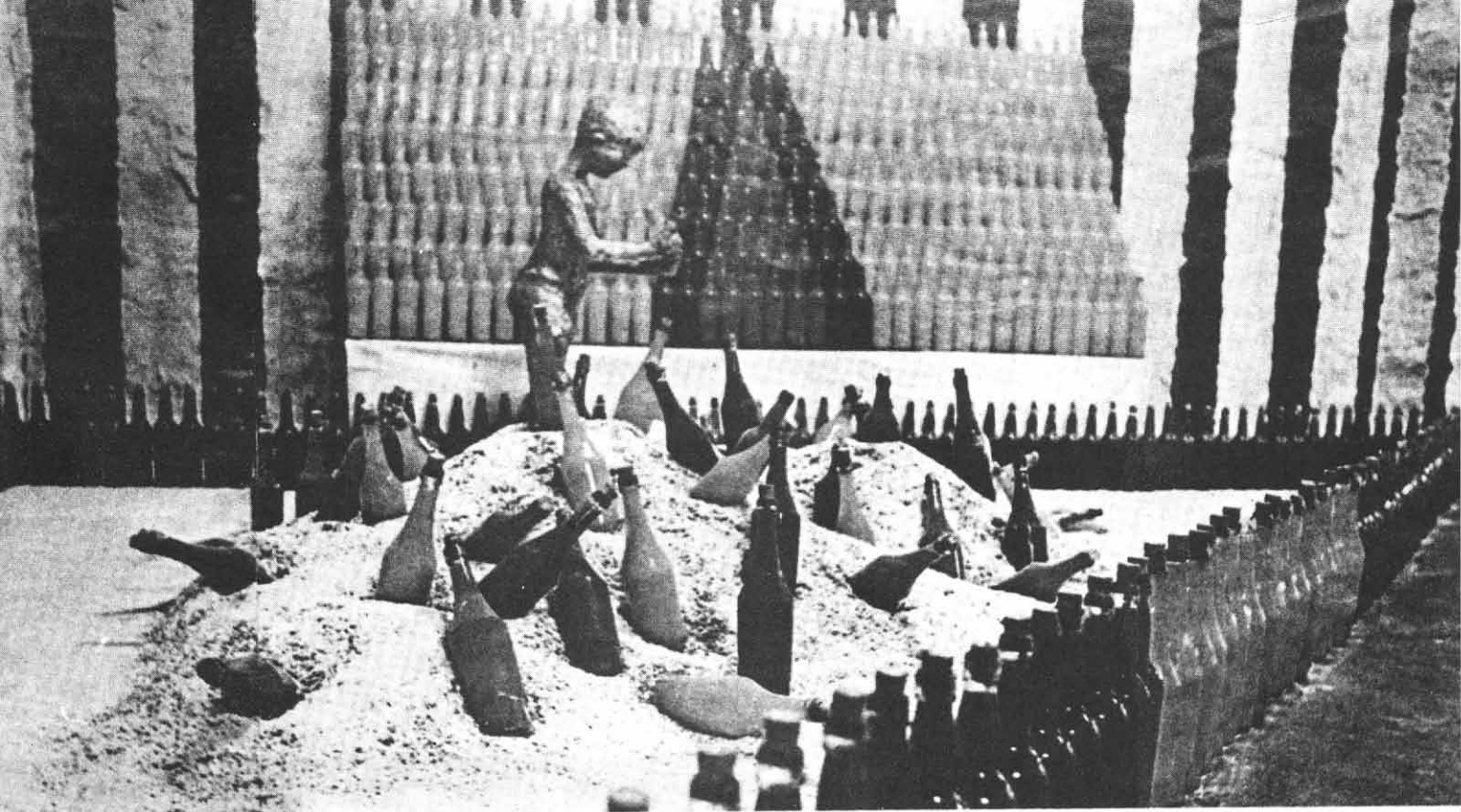
- 40 "Fantasia Vitrine" – 1972
Ambiental – conceitual – 35m²
Prêmio Aquisição – 8º Salão de Arte Contemporânea de Campinas

- 41 Fantasia I – 1972
Acrílico – massa s/tela
1,45 x 1,28 m





XII bienal internacional de são paulo
1973

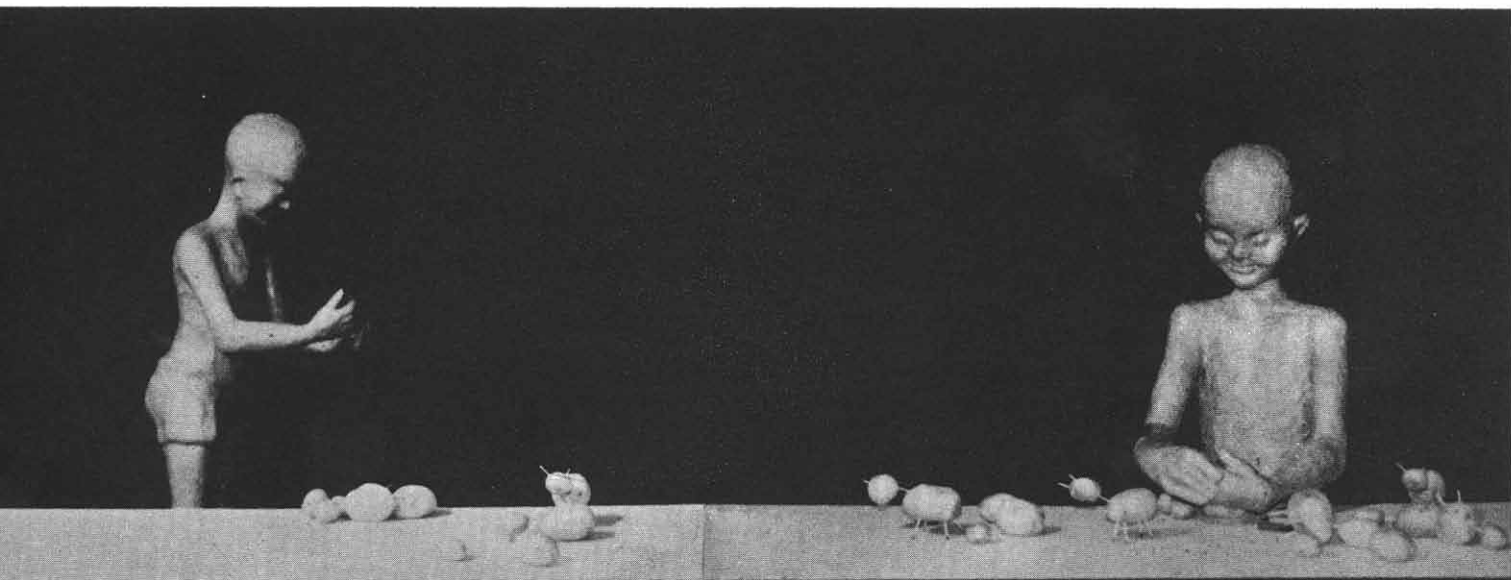


Série: Menino de Papelão — 1973 XII Bienal Internacional de São Paulo

Um dos brasileiros mais admirados foi Bernardo Caro, de Campinas. Suas criações agradaram pela simplicidade, como a da foto acima, feita com garrafas e areia.

43 Série: Menino de Papelão — 1973 — papel maché





ser
ente
gente

modulação concreta
doces momentos
serenos gestos
eterno tempo
nenhum tormento

que tem por fundo
este diverso mundo

constrói o folgado
menino jôgo
de
papelão
pássaro ao vento
bola
balão

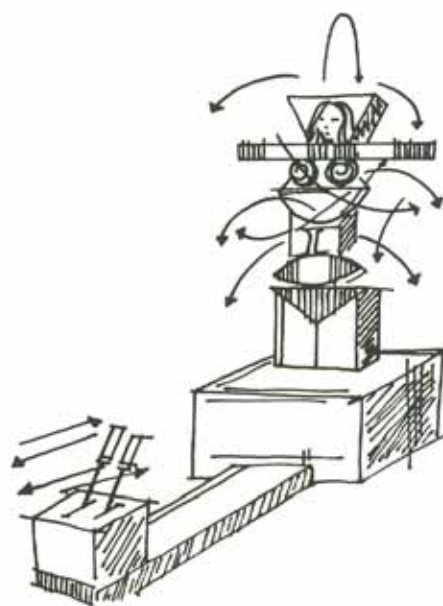
braços estendidos
amigo chama
danda
dandá
de batatinha
pedra palito
brinquedo tem

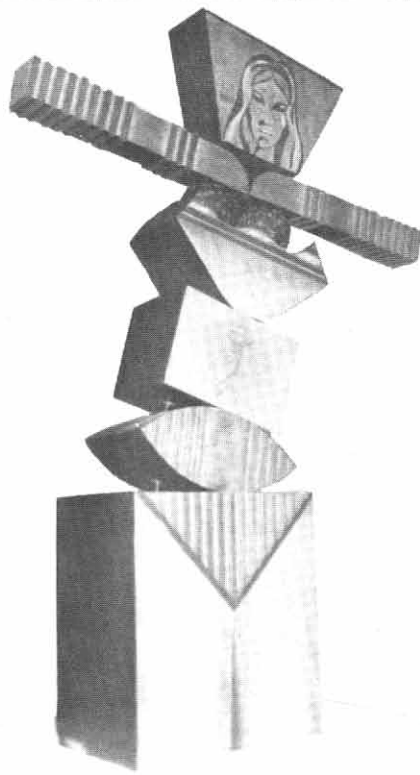
dandá já vem

maché que brinca
brinquedo tem



bienal nacional-1974







XIII bienal internacional de são paulo
1975

BIENAL PAULISTA

evolução e
revolução na arte



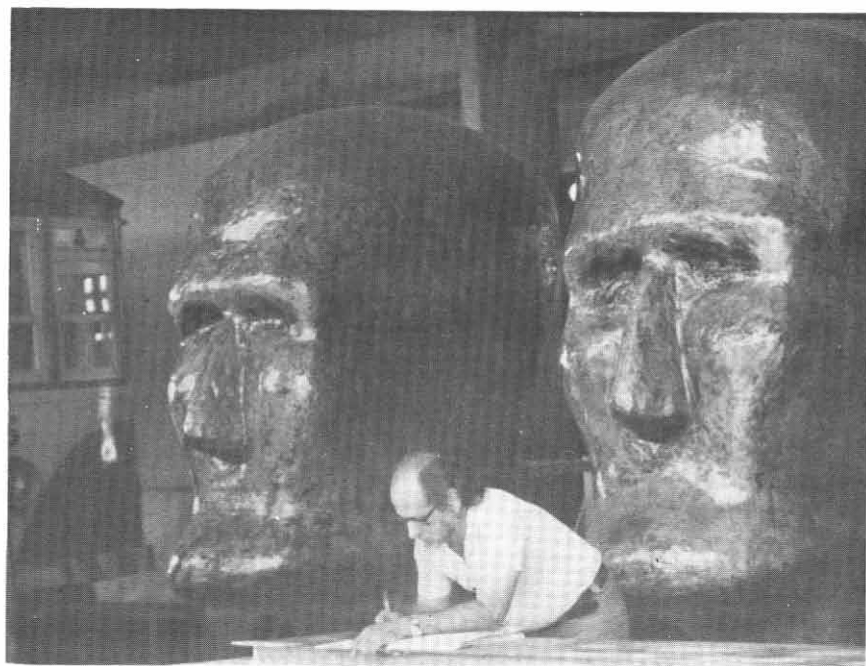
45 Sempre — 1975 XIII Bienal Internacional de São Paulo
conceitual-ambiental — 35 m²

No conceito de renovação existente na arte do nosso século não há preconceitos quanto à origem das influências. As esculturas do brasileiro Bernardo Caro, expostas na Bienal de 1975, revelam sua motivação na arte da pré-história.



A História da Arte Moderna no Brasil divide-se em dois segmentos bem distintos: antes e depois das Bienais de São Paulo. E MANCHETE, a partir de 1953 — ou seja, da II Bienal — acompanhou toda essa evolução em grandes reportagens. Por que essa divisão, à primeira vista tão sumária? A arte moderna em nosso país, desde as suas primeiras manifestações, oscilou sempre entre duas premissas aparentemente antagônicas: nacionalismo e internacionalismo. No academismo anterior à década de 20, se o tema freqüentemente era autóctone, a técnica e o estilo eram europeus. Com o modernismo que eclode em São Paulo na Semana de Arte Moderna de 1922 torna-se mais veemente a necessidade da fusão: nacionalizar e atualizar as artes plásticas. Para isto, os artistas passam a abordar temas e ambiência nacionais indo, porém, buscar na Europa, particularmente em Paris, a modernização de sua técnica e de sua estética. Há, pois, uma mudança de visualidade. Mas era uma atualização minoritária e muito difícil, em face da precariedade das comunicações. As bienais paulistas trouxeram, então, com regularidade, o que havia de mais recente na arte moderna. Daí a sua influência decisiva.

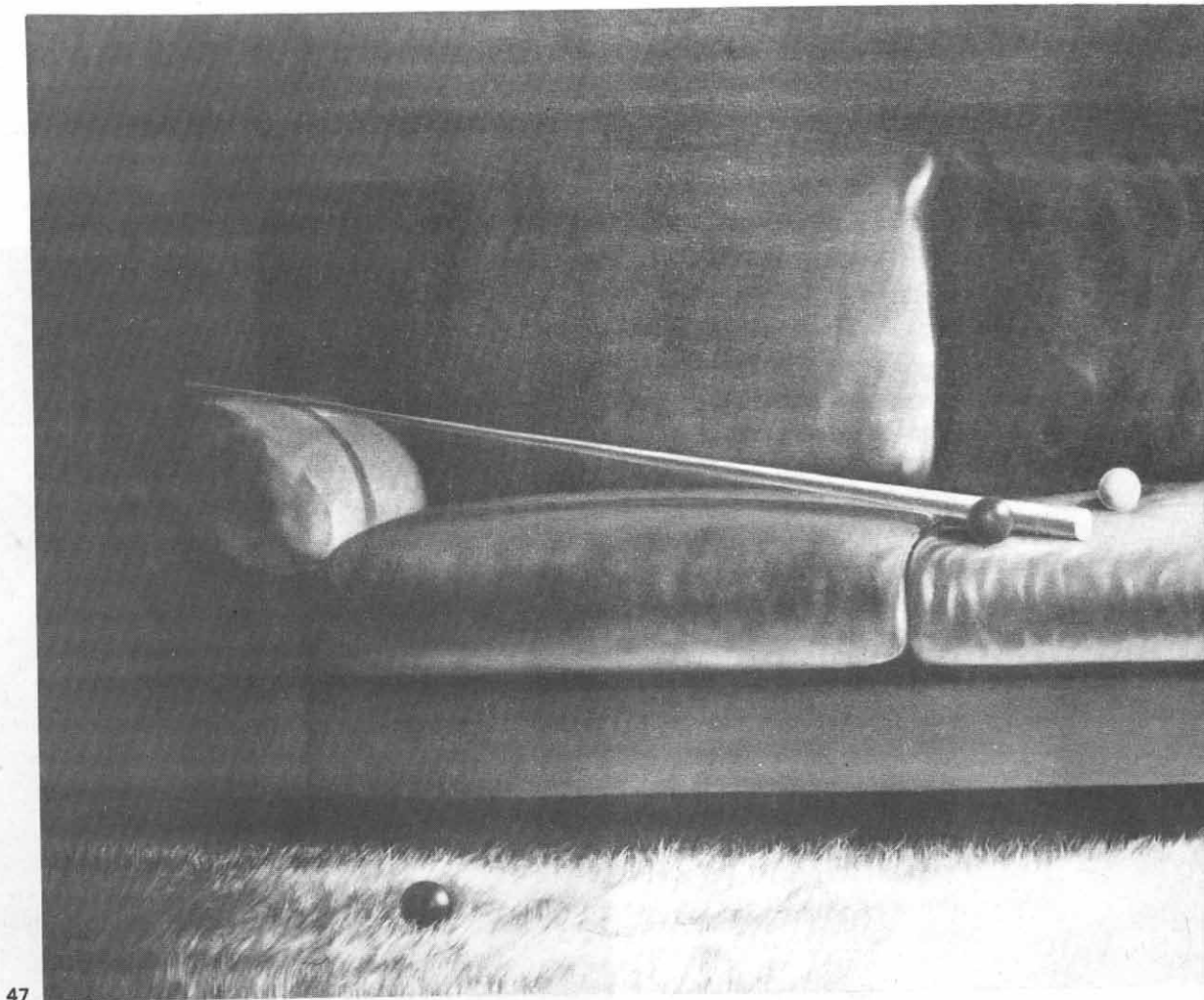
● **Flávio de Aquino**







47 Parada --- 1978
Óleo sobre tela
1 20 x 1,00 m
Prêmio Aquisição
XI Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba



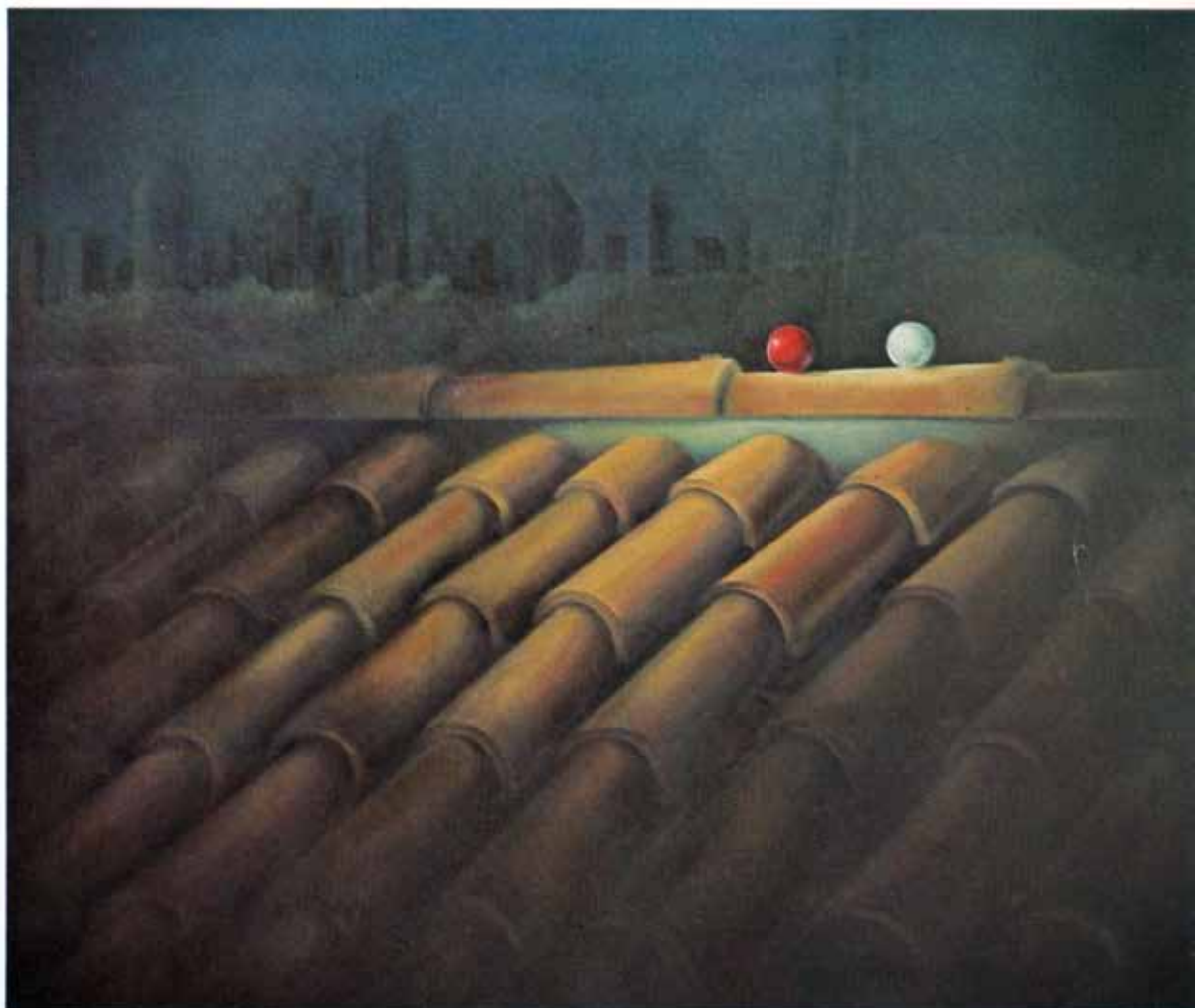
48 Partida — 1976
óleo s/tela
1,35 x 1,35 m

LÚDICO

início de jogo
mão de jogo
jogo de mão
termos de jogo
jogo de letras
formas de jogo
jogo de formas
idéias de jogo
jogo de idéias
necessidade de jogo
jogo da carne
caminho de jogo
jogo de pernas
atos de jogo
jogo de atos
público de jogo
jogo de gente
expressão de jogo
jogo de corpo
fim do jogo
jogo do fim

Bernardo Caro





49 Telhado — 1978
Óleo sobre tela
1,20 x 1,00 m

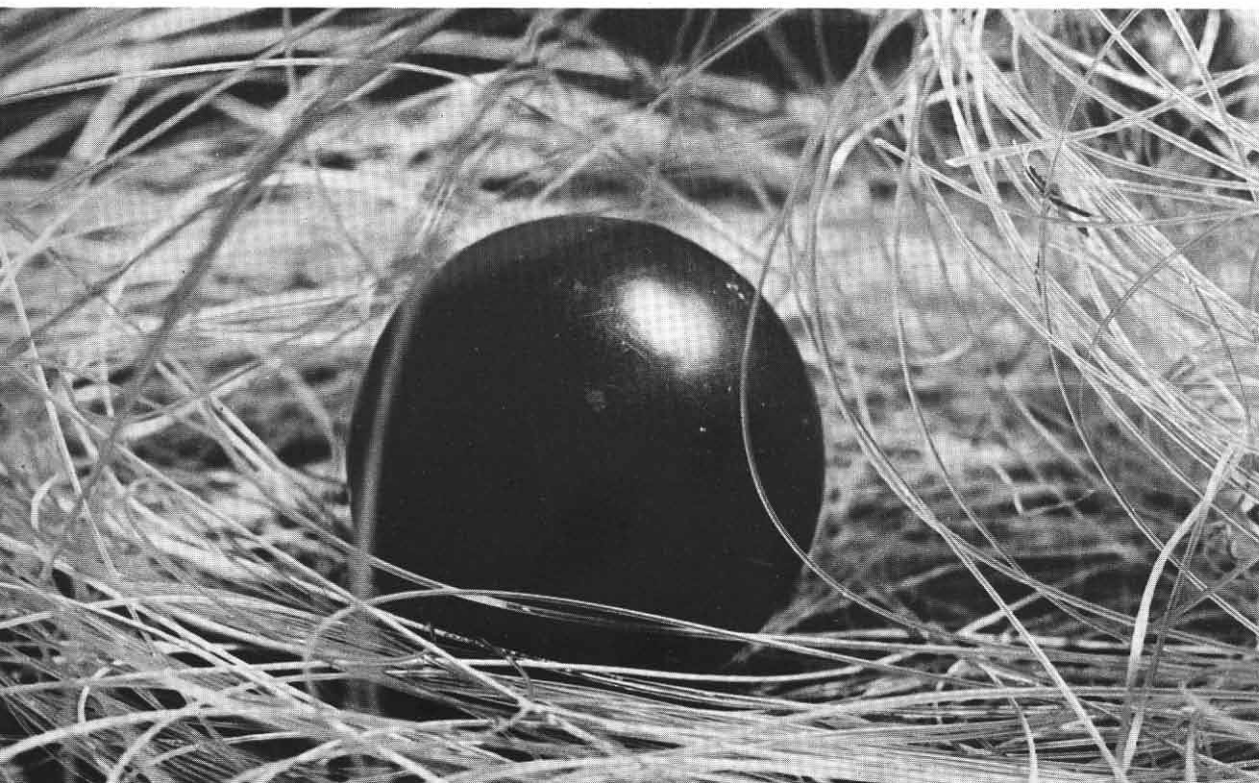
TABELA

... que nos leva onde queremos ir, e também onde não queremos ir,
porém somos obrigados a ir.

Surge em local imprevisível, dentro de um realismo, até certo ponto
contundente, todavia, de uma forma romântica, dando-nos uma sensação
estranha de segurança, de serenidade e de um erotismo sutil, que nos enleva
e nos coloca diante da própria realidade:

"o homem" que constrói, mas não assume, destrói e não se afirma.

Necessita ser mais humano, para ser humano.



XIV bienal internacional de são paulo
1977

XIV BIENAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

Proposta: Arqueologia do urbano

Filme super-8 — sonoro

24 quadros por segundo

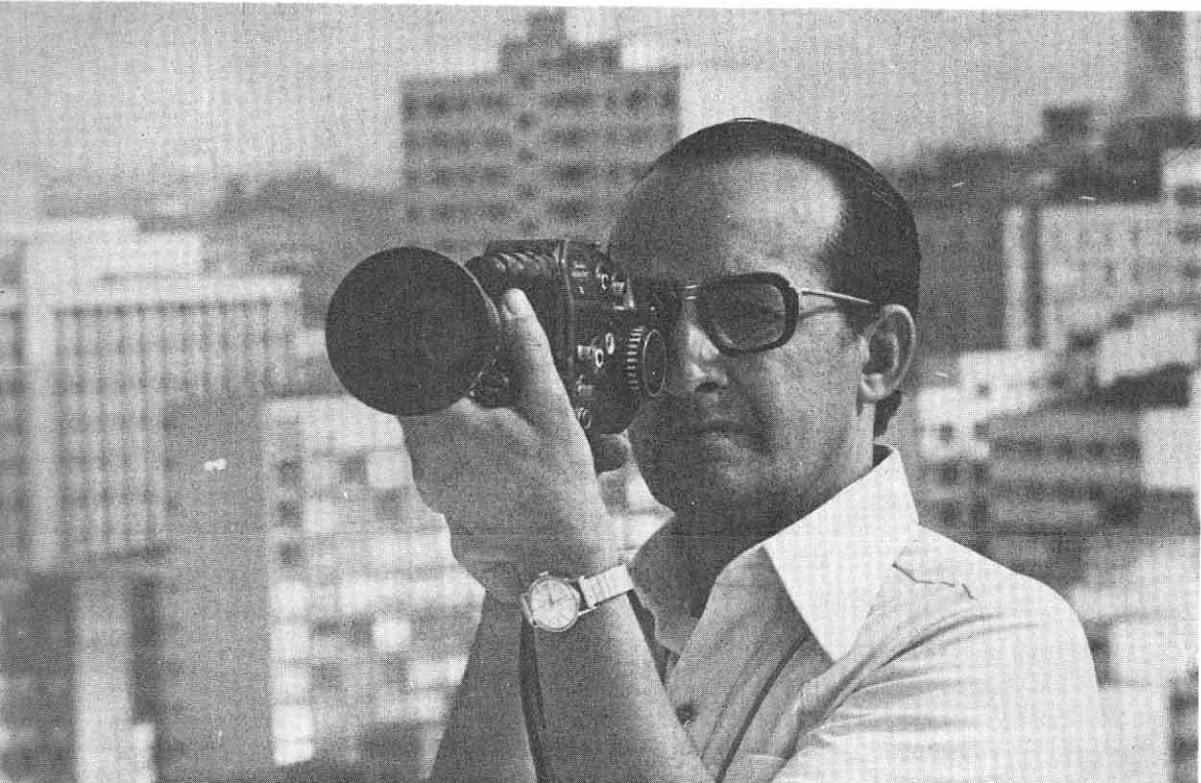
TÍTULO: TABELA

- **PRODUÇÃO: "EQUIPE PESQUISA 8"**
- **Roteiro e Direção: BERNARDO CARO — BERENICE TOLEDO**
- **Técnica de filmagem, montagem, sonorização
e arte fotográfica: HENRIQUE DE OLIVEIRA JUNIOR**
- **Efeitos sonoros: "EQUIPE PESQUISA 8"**
- **Realizado em Campinas — São Paulo — Brasil — 1977**

PRÊMIOS:

- 1977 — "Melhor trilha sonora e melhor filme de arte"
III MOSTRA NACIONAL DO FILME SUPER-8: CURITIBA, PR
- 1977 — "Melhor filme experimental"
I MOSTRA DO SUPER-8: BUENOS AIRES — ARGENTINA
- 1978 — "Melhor filme realizado em Campinas"
V FESTIVAL NACIONAL DO FILME SUPER-8
Promoção do Centro de Ciências, Letras e Artes — Campinas — SP
- 1978 — "Melhor filme de arte e comunicação"
MOSTRA DE FILMES SUPER-8
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ARACAJÚ — SERGIPE
- 1978 — "Melhor filme"
I MOSTRA DO FILME SUPER-8 — CUIABÁ — MATO GROSSO



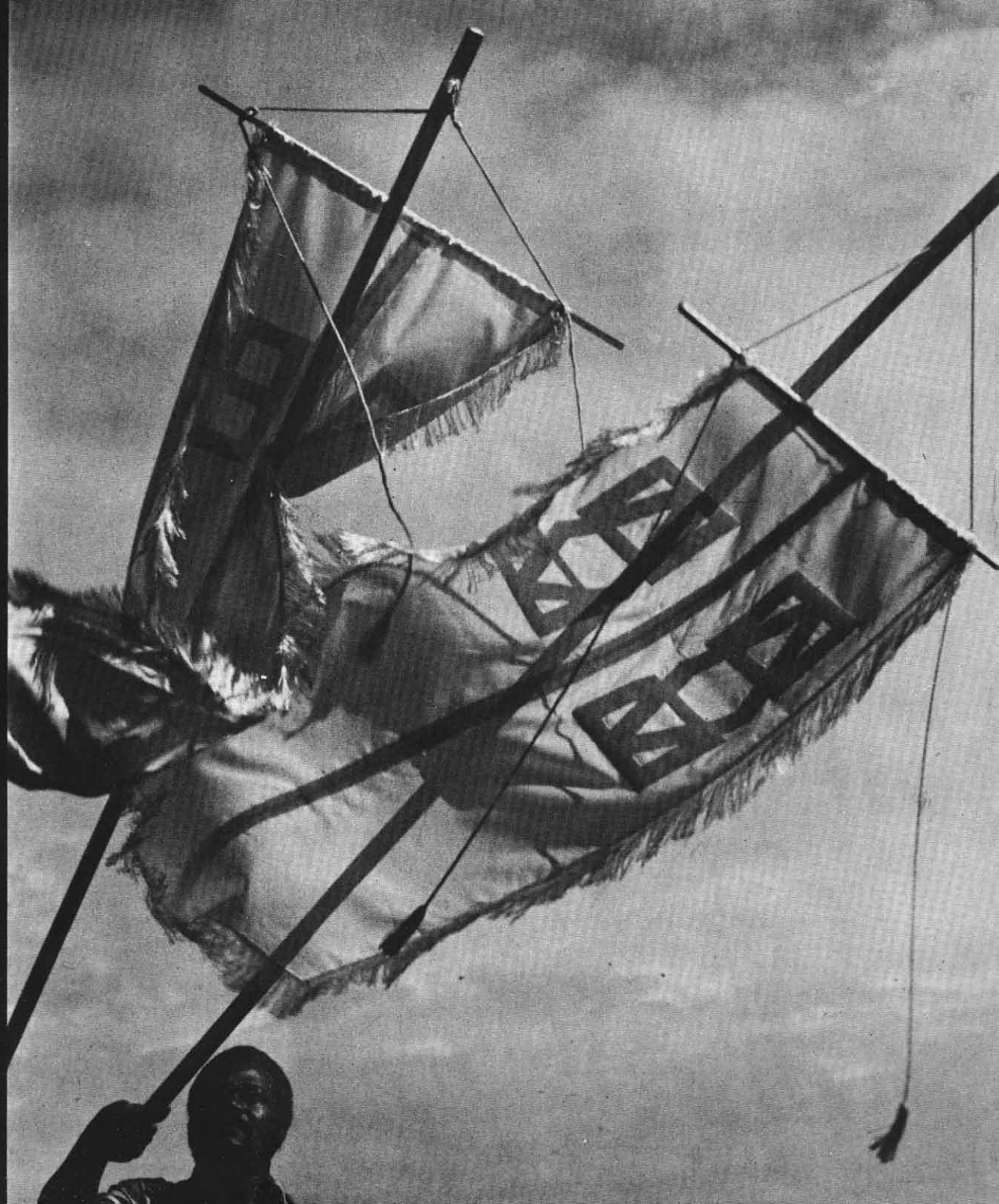


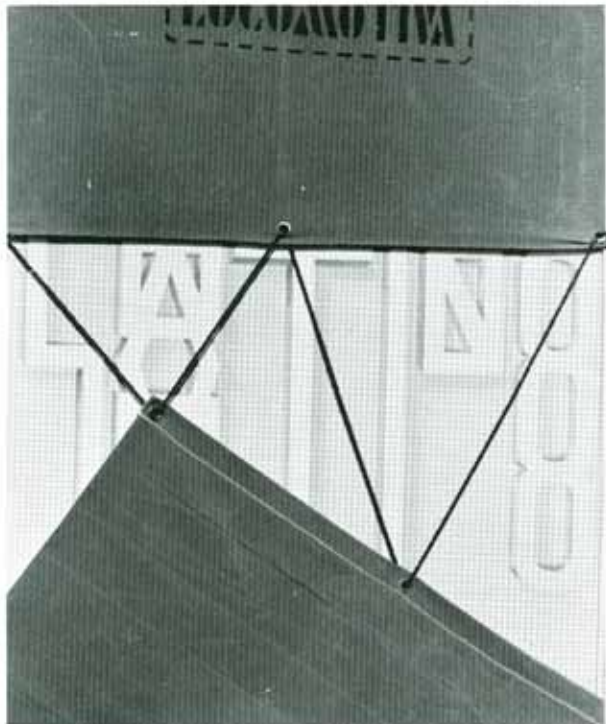
Henrique de Oliveira Júnior

I bienal latino - americana de são paulo
1978

I BIENAL LATINO AMERICANA DE SÃO PAULO
MANIFESTAÇÃO: MITOS E MAGIA DE ORIGEM MESTIÇA
Autores: Bernardo Caro - Berenice Toledo
Técnico de Montagem: Luiz Carlos de Carvalho

..... reportagem do latino-americano contaminado, ou seja,
de um conquistador-conquistado, em um posicionamento que oculta
significados místicos numa mistura de divindades e burguesias.
É a autonomia pela palavra que se integra pela autonomia do gesto
ou incisão.





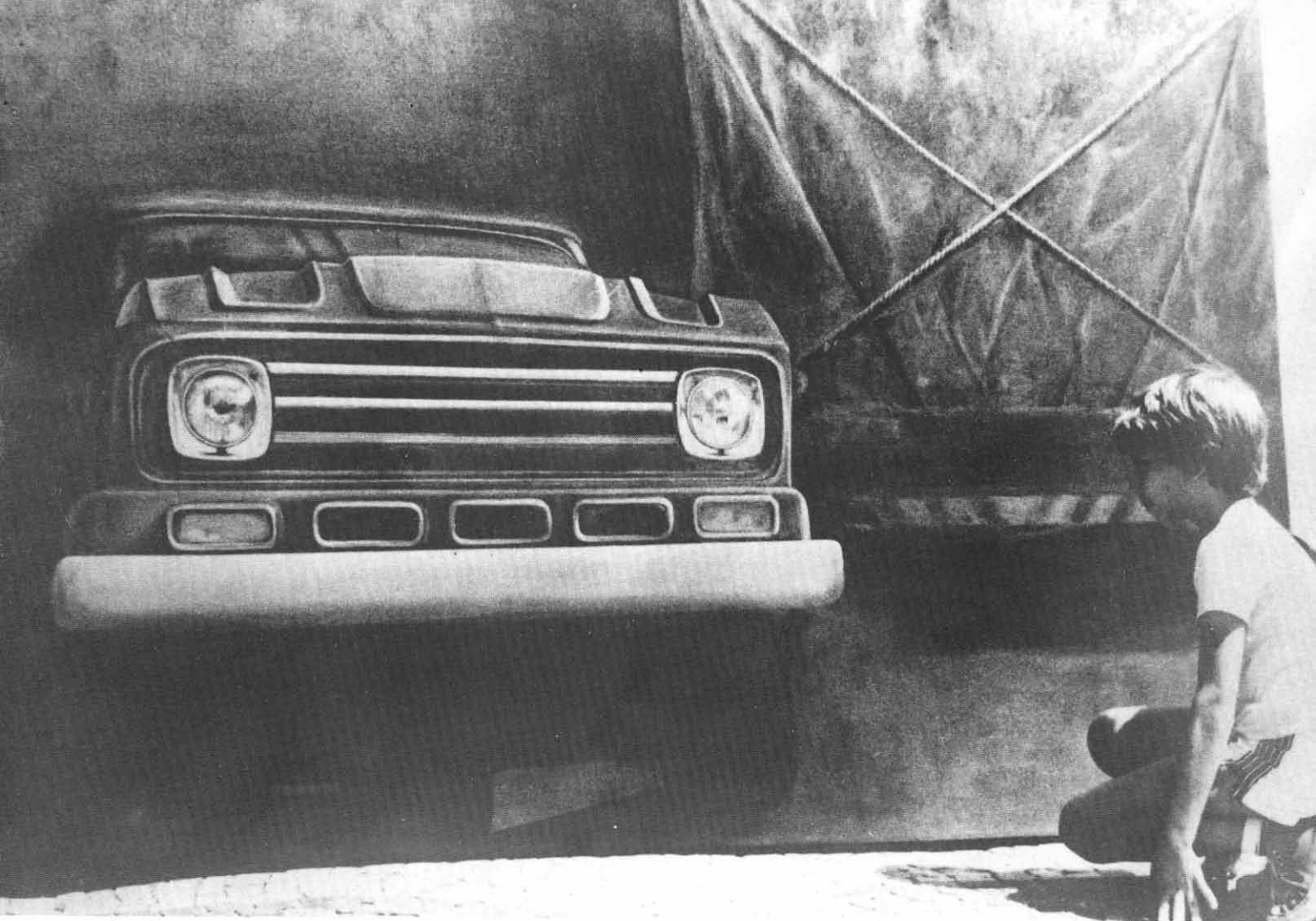
52 A

52A Carga Latina I — 1978
óleo — lona s/tela
1,02 x 1,23 m

52B Carga Latina II — 1978
Óleo — lona s/tela
1,02 x 1,23 m



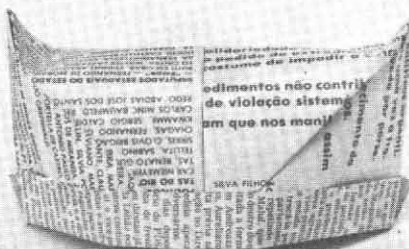
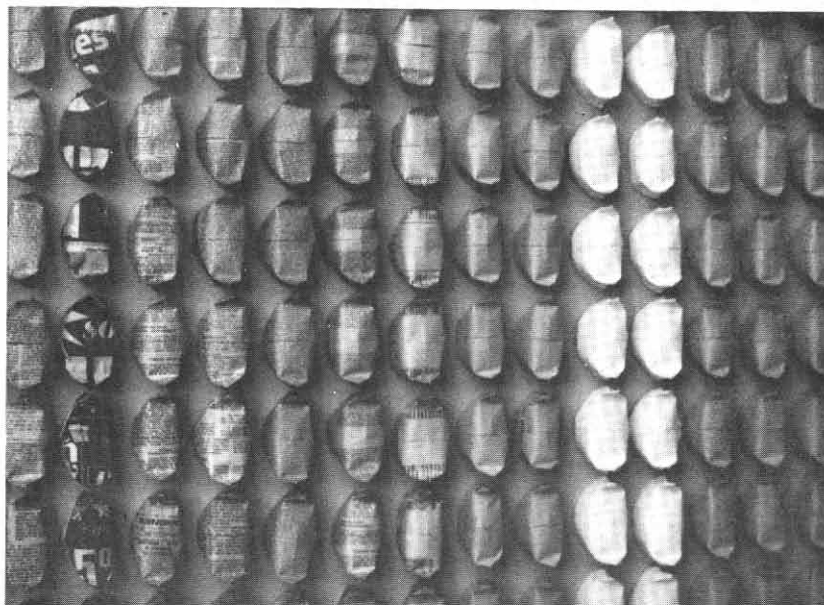
52 B

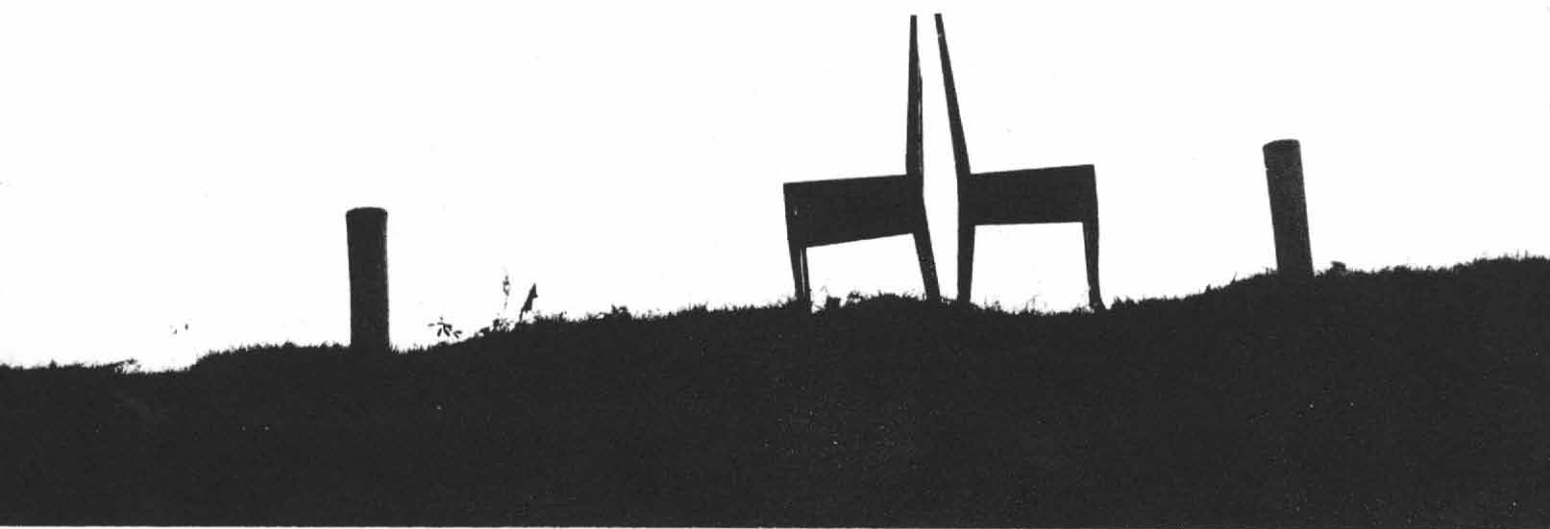


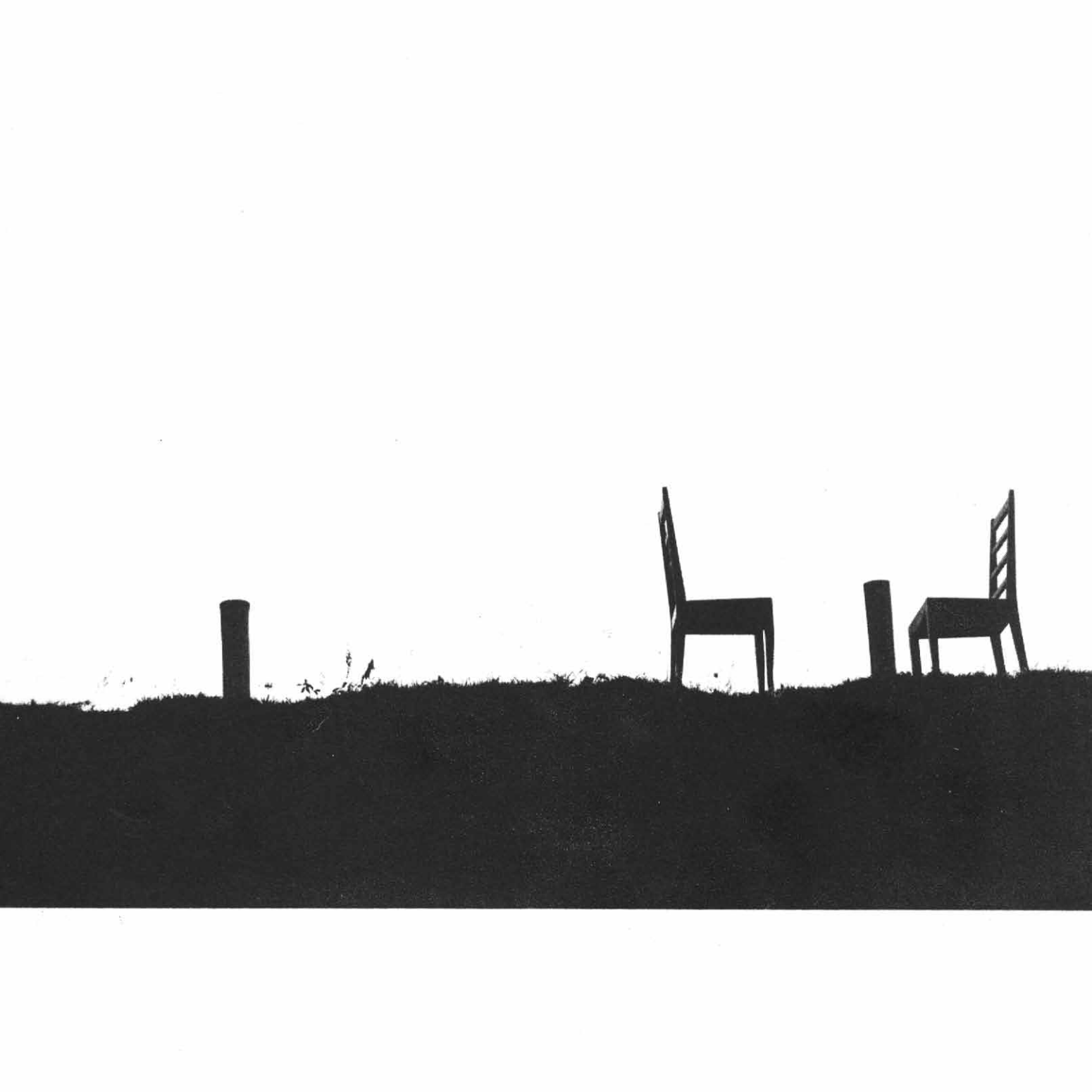
Grande Prêmio "Cidade de Campinas" XV Salão de Artes Plásticas de Piracicaba — 1982

53 Carga Latina
Óleo sobre tela
2 80 x 1,60 m









perfil plástico • natureza caligráfica
1981

- 26 —
 27 — Dr. Heitor Regina
 28 — Conrado Akira Yoshida
 29 — Raul Porto
 30 — Henrique de Oliveira Junior
 31 — Jack R. Sardas
 32 — George E. Steward
 33 — Thomas V. Harrison
 34 — Olney Krüse
 35 — Charles J. Pilliod Junior — USA
 36 — Dr. Armando Sanchez
 37 — Plínio José Rodrigues Torres
 38 — Dr. Luiz Norberto Paschoal
 39 — Manoel Pedro Rodrigues
 40 — Dr. André Franco Montoro
 41 — Dr. Waldyr Arcoverde
 42 — Dr. José Roberto Magalhães Teixeira
 43 — Almeida Prado
 44 — Paulo Proite
 45 — Dr. Maurício Knobel
 46 — Dr. Bruno Affonso de André
 47 — Dr. Ubiratan D'Ambrózio
 48 — José Leonardo de Moura Coutinho
 49 — Joachin Lungershausen
 50 — Dr. José Aristodemo Pinotti
 51 — Dr. Zeferino Vaz
 52 — S. Majestade Carl Gustaf e Sílvia —
 Reis da Suécia
 53 — S. Majestade D. Juan Carlos de Bourbon —
 Rei da Espanha

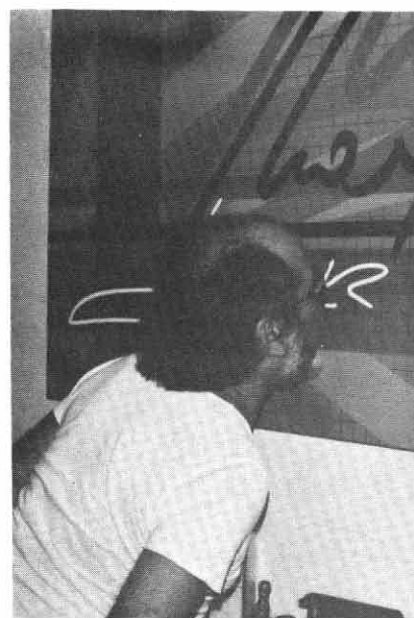
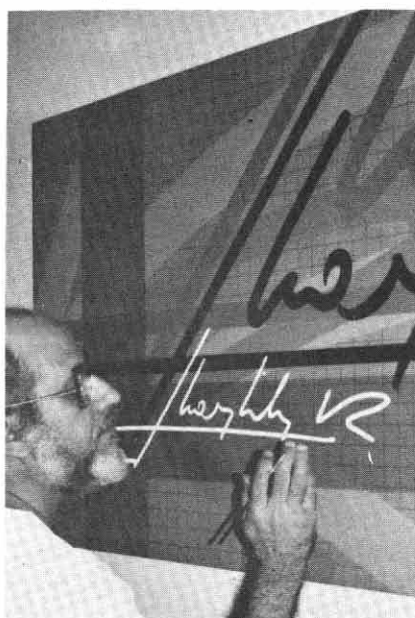
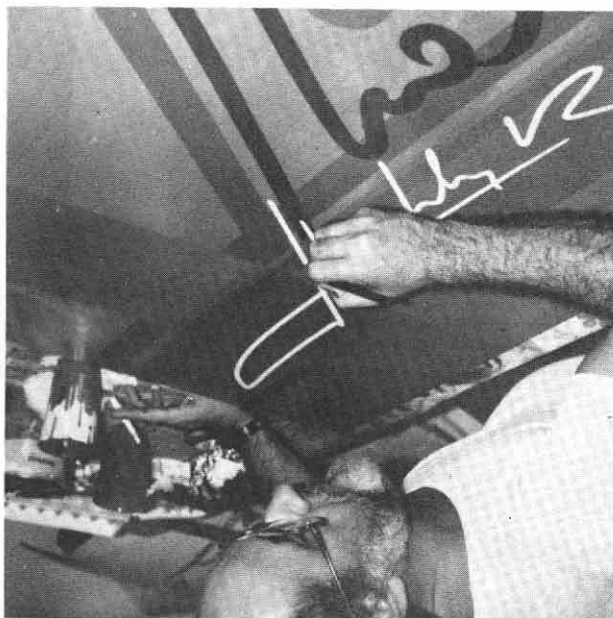
Sanchez
 Prado
 Calcutty
 Porto
 Lungershausen
 Pinotti

吉田晃

Sendo as letras signos criados e utilizados pelo homem através dos tempos, quer sejam em formas de escritas pictográficas, ideogramas ou por símbolos gráficos que se combinam representados por todos os valores conceituais do ser humano: o homem utiliza sua assinatura como marca intransferível, que o coloca em uma certeza de ser uma partícula no universo, ou melhor, a sensação real de participação neste mundo. É o seu retrato gráfico, onde toda carga de emoções se inserem em seus traços; é a sua personalidade gráfica, sua auto-afirmação. Baseado nesta teoria, procuro através do estudo de cada assinatura, sentir todas necessidades expressas em seu traçado e em seu resultado, tento interpretar essas emoções plásticamente, principalmente através de sua composição, transformando-a em uma paisagem gráfica, que nada mais é do que a representação da paisagem interior de cada um.

... denominei essa série de "PERFIL PLÁSTICO" ou "NATUREZA CALIGRÁFICA", onde cada assinatura é um desafio plástico-pictórico, cujos resultados são surpreendentes, até para mim que os concebo, pois procuro no dinamismo gráfico, o perfil plástico de seu autor.

56 Detalhe da obra: "Perfil Plástico — Natureza Caligráfica: D. Juan Carlos de Bourbon — S.M. Rei da Espanha" — 1983



Fiz este Poesilúdio (uma série de obras baseadas em Poemas-prelúdios) Poesi-Ludio, e esta é uma tentativa de leitura Sonora de seus múltiplos quadros. Poderia ser também: (Cromolúdio). Acho o teu estilo sempre um ir-além de si-mesmo. A procura da forma nova, da montagem de situações, a descoberta do alfabeto de muro, tudo representa em ti, um universo pictórico cheio de indagações existenciais e metafísicas. Por isso forte e denso.

A minha busca-buscou nos teus quadros um elo pára se confrontar.
A poesia de Pessoa, um paralelismo que veio com o fazer sonoro.

Admiro tua obra. Ofereço este organismo sonoro pela admiração que tenho também pela tua pessoa.

Abraços.

Almeida Prado

súbito, rápido



Poesiludio nº 2

Ao Bernardo Caro

Almeida Prado
Campinas 08/10/83

Com múltiplas cores e
intencões
eloquente



súbito, calmo



Rápido



Rápido

Calmo

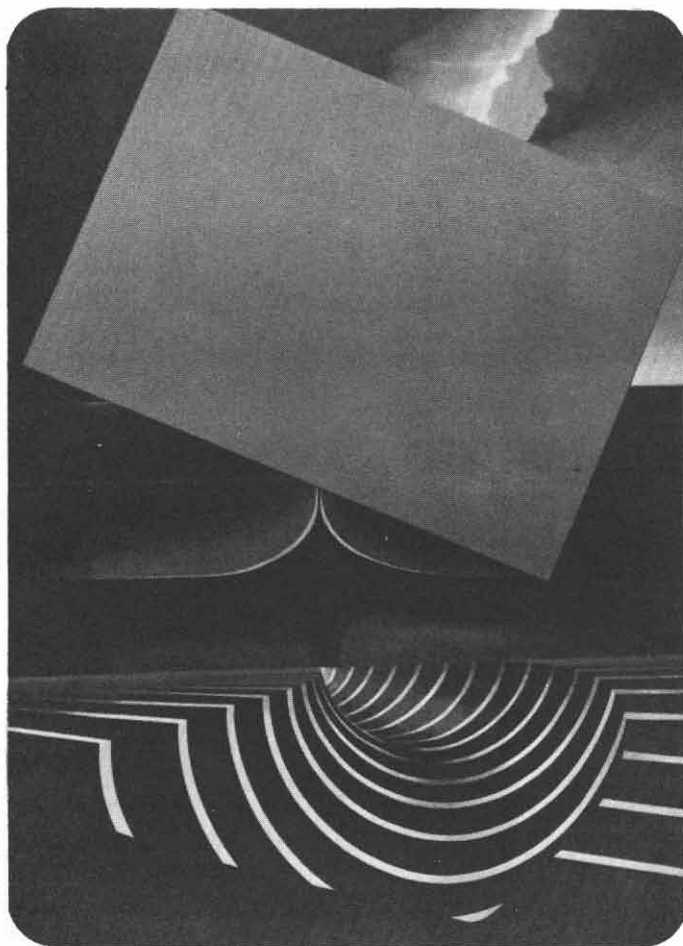


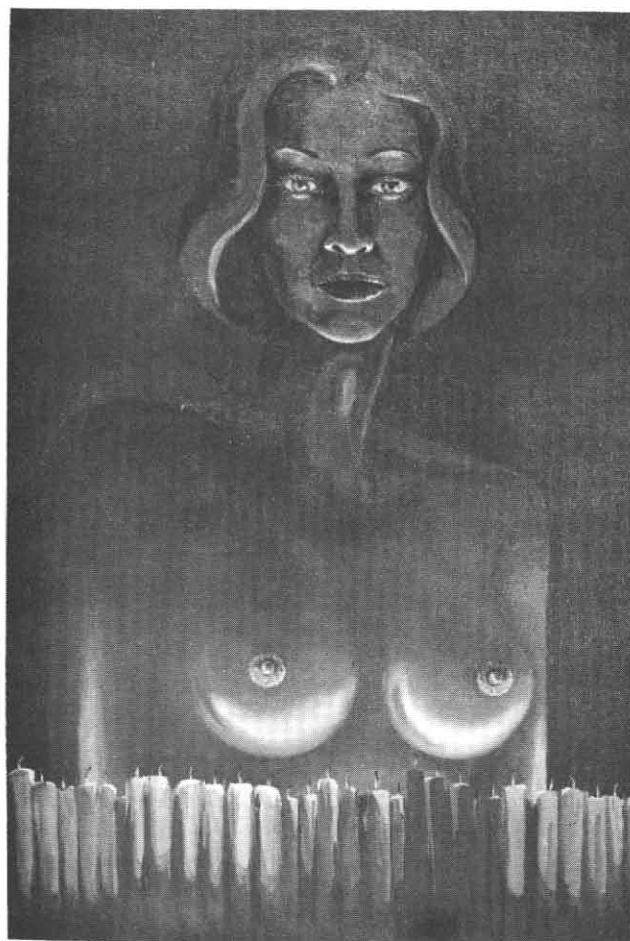
distante, na memória...



Almeida Prado
8/10/83

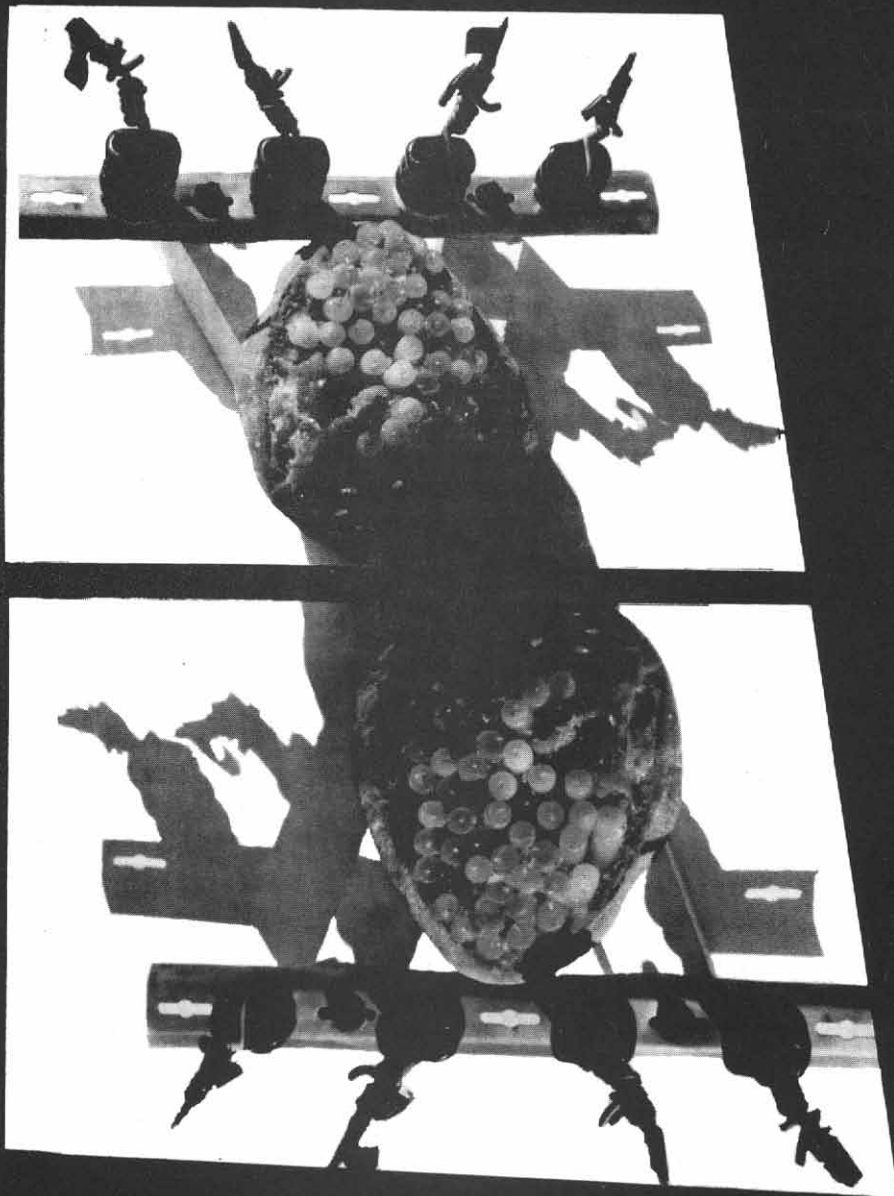
56A "Retângulo azul" — 1983
Acrílico s/tela
0,98 x 1,32 m





57A

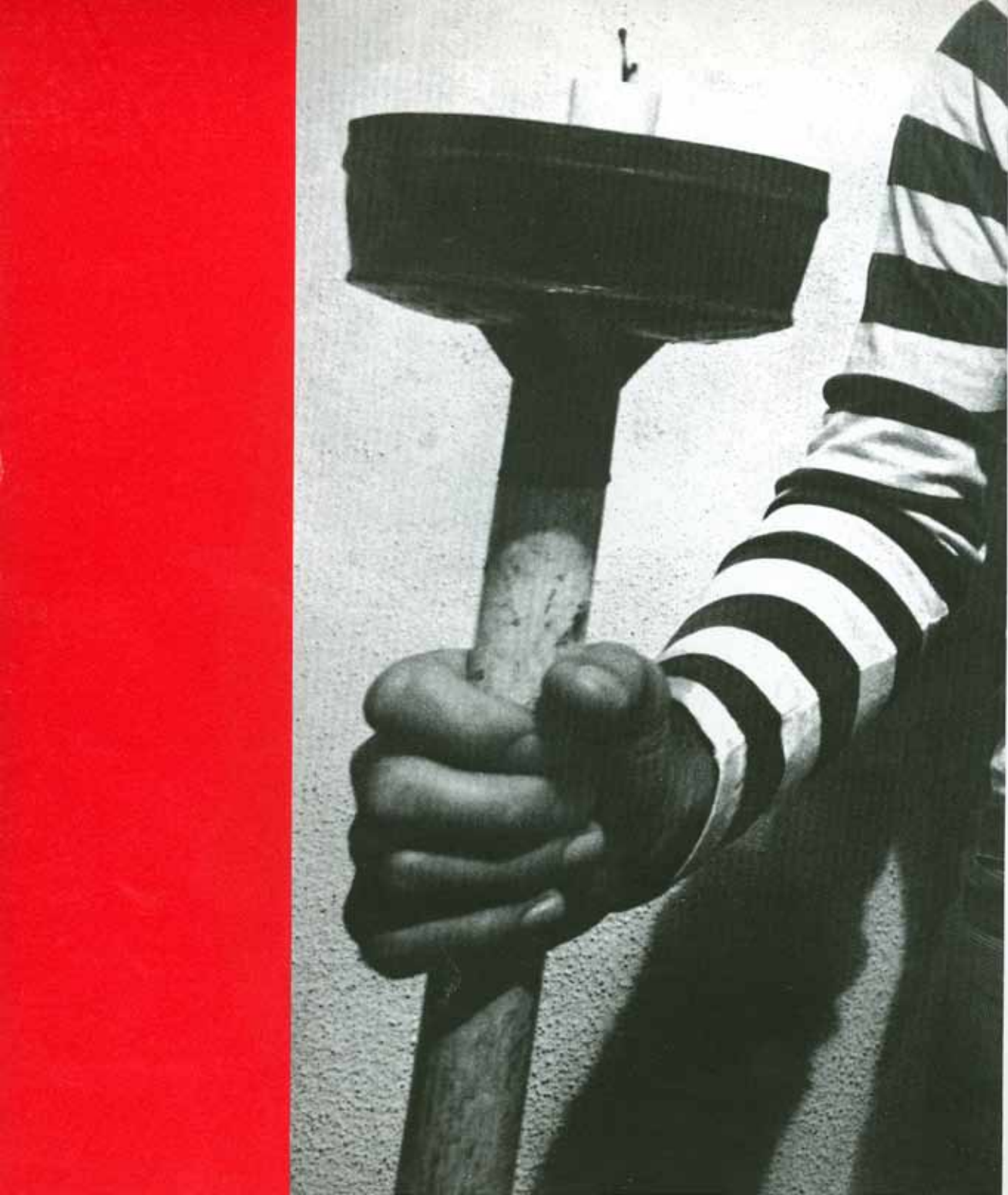
Mulher — Magia — 1984
Acrílico sobre tela
0,90 x 1,10 m

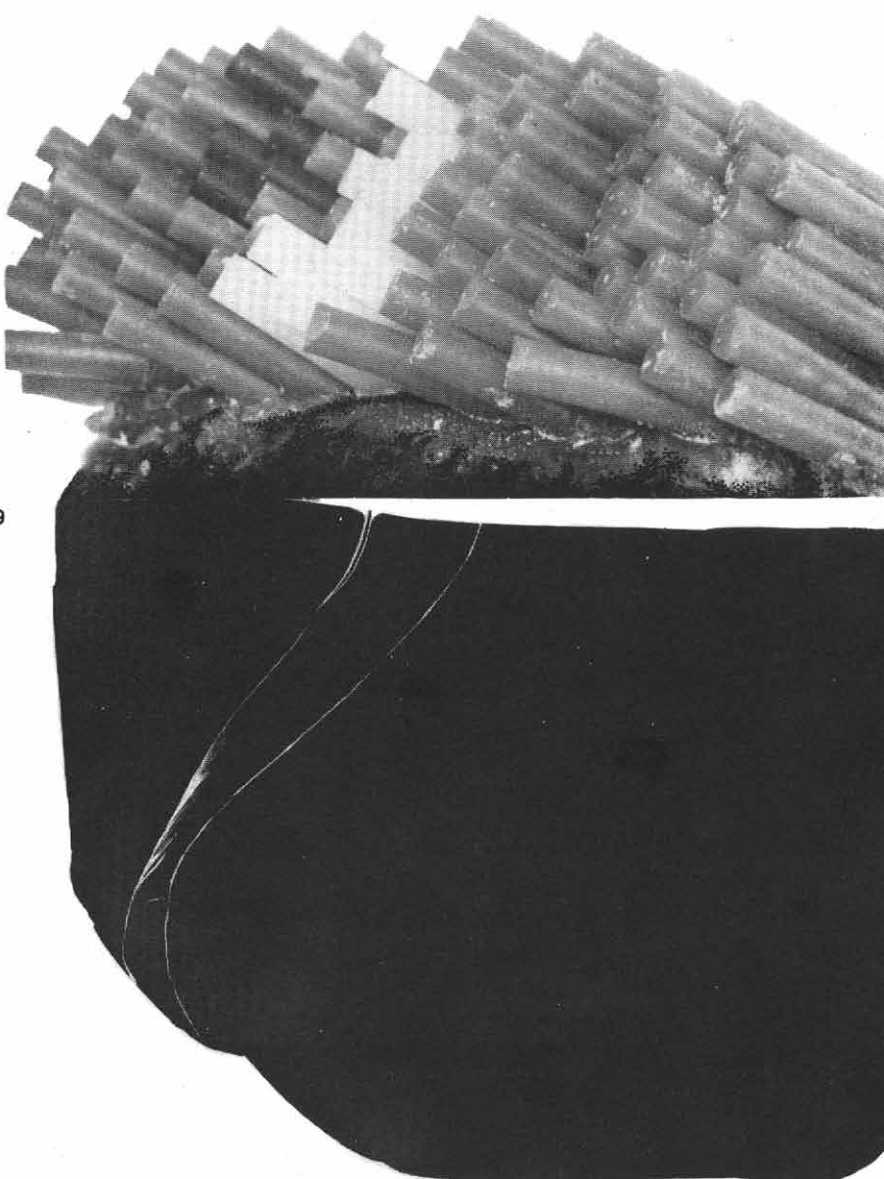


A inquietação leva-o a descobrir no acaso
a idéia é nova. E a constante é a luz
são velas acesas, coloridas, fundidas na
areia e cristalizadas pelo jato salgado de espumas marinhas.
A imaginação trabalha no sentido da
energia, da força e da alucinação contidas no ato do pedir.
A forma natural permanece mas há
um aspecto a ressaltar, a harmonia dos tons
quentes modelados num fogoso lirismo.
A idéia se estende e se conclui na pintura,
seu trabalho sofre uma gradual transformação
caracterizada pela perseverança, encaminhando-se
assim para soluções mais construtivas, onde aros de
metal, bocais e a matéria discutida se intercalam
causando inesperado impacto.

Fúlvia Gonçalves







59

57 58 59

Série: Magia
Escultura / objeto
técnica mista



NOTA BIOGRÁFICA

Natural de Itatiba — SP — 05/12/1931

Residente em Campinas — Av. Monte Castelo, 365 — F.: 51-2784

Chefe do Departamento de Artes Plásticas — Instituto de Artes — UNICAMP
UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)

ATIVIDADES DOCENTES

1954 a 1955 — C.E. de Uchoa — SP

1955 a 1956 — C.E. e E.N. de Tanabí — SP

1956 a 1962 — I.E. Dr. Coriolano Burgos de Amparo — SP

1963 a 1969 — C.E. Prof. Cyro de Barros Rezende — Valinhos — SP

1964 — Membro da Comissão para elaboração de programa roteiro para as cadeiras de Artes Industriais do 1º Ciclo do Ensino Secundário e Artes Aplicadas do Curso de Formação de Professores Primários do Estado de São Paulo.

1969 a 1979 — C.E. Prof. José Vilagellin Neto — Campinas — SP.

1969 a 1971 — Colégio Progresso Campineiro — Campinas — SP

1968 — Coordenador do Curso Experimental Livre de Arte Moderna, do Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

1972 a 1982 — Instituto de Artes — Pontifícia Universidade Católica de Campinas — SP.

1974 a 1980 — Diretor da Escola Livre "Convívio de Arte" — Campinas — SP.

1979 a 1982 — Chefe do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Pontifícia Universidade Católica de Campinas — Campinas — SP.

1983 — Ingresso na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

ATIVIDADES ARTÍSTICAS

PARTICIPAÇÕES EM SALÕES DE ARTES OFICIAIS

1964

VIII Salão Bauruense de Arte Moderna — Bauru — SP

XIII Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro — RJ

XXI Salão Paranaense de Belas Artes — Curitiba — PR

XVI Salão de Belas Artes da Primavera — Curitiba — PR

1965

XXII Salão Paranaense de Belas Artes — Curitiba — PR

XIV Salão Paulista de Arte Moderna — SP

II Exposição do Jovem Desenho Nacional (Itinerante) MAC da USP

XVII Salão de Belas Artes da Primavera — Curitiba — PR

XX Salão de Belas Artes de Belo Horizonte

I Salão de Arte Contemporânea de Campinas — SP

II Salão de Arte Moderna do Distrito Federal — Brasília

I Salão de Natal — MAC — Campinas — SP

1966

I Bienal de Artes Plásticas da Bahia — Salvador

II Exposição da Jovem Gravura Nacional (Itinerante) MAC da USP

XV Salão Paulista de Arte Moderna — SP

II Salão de Arte Contemporânea de Campinas — SP

III Salão de Arte Moderna do Distrito Federal — Brasília

XXIII Salão Paranaense de Belas Artes — Curitiba — PR

I Salão de Pesquisas Operacionais da Fôlha de São Paulo

XXI Salão de Belas Artes de Belo Horizonte
XV Salão Nacional de Araras – SP
II Salão de Natal do MAC – Campinas – SP

1967

IX Bienal Internacional de São Paulo (gravuras e objetos)
X Salão Oficial de Arte Contemporânea – Santos – SP
III Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP
XVI Salão Paulista de Arte Moderna – SP
XXII Salão de Belas Artes de Belo Horizonte

1968

XVII Salão Paulista de Arte Moderna – SP
I Exposição Internacional de Gravura – Fundação Álvares Penteado – SP
XXIII Salão de Belas Artes de Belo Horizonte
IV Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP
IV Salão de Arte Religiosa Brasileira – Londrina – PR
II Salão Oficial de Piracicaba – SP

1969

V Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP
II Salão Oficial de Arte Contemporânea – Piracicaba – SP
I Salão Paulista de Arte Contemporânea – São Paulo

1970

Pré – Bienal de São Paulo
VI Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP

1971

XI Bienal Internacional de São Paulo
VII Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP
IV Salão de Arte contemporânea de São Caetano do Sul – SP
IV Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba – SP
I Bienal de Santos – SP
III Salão Paulista de Arte Contemporânea
XXVIII Salão Paranaense – Curitiba – PR

1972

Brasil – Plástica – 72 (Pré-Bienal de São Paulo)
II Exposição Internacional de Gravuras MAM – SP
VIII Salão de Arte Contemporânea de Campinas – SP
IV Salão Paulista de Arte Contemporânea – SP

1973

XII Bienal Internacional de São Paulo (individual) – SP
XII Bienal Internacional de São Paulo (grupo da PUCC) – SP
II Bienal de Santos – SP

1974

Bienal Nacional (Mulher Totêmica – premiado) Escultura lúdica em madeira móvel.
Salão de Arte Contemporânea de Santo André – SP

Exposição na Faculdade de Tecnologia de Barretos – SP
Exposição no Leilão de Artes Plásticas – Museu de Arte – SP
Exposição da União Universitária Ararense – Araras – SP
Exposição da Galeria de Artes da Aliança Francesa – Campinas
Exposição da I Feira Científico-Industrial de Amparo – SP

1967

Exposição 12 + 1 (itinerante) – Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre.
Exposição no Salão de Arte de Americana – SP
Exposição na Galeria de Arte Klassik – Campinas

1968

Exposição no Museu Histórico Nacional – Rio – “A Gravura Brasileira”
Exposição no Museu de Arte Contemporânea de Campinas – SP

1969

II Exposição do NUGRASP – SP (Núcleo de Gravadores de S.P.)
I Exposição de Rua – Campinas
I Leilão de Parede – Galeria Girassol – Campinas
Exposição na “Casa Grande” – Galeria Girassol – Campinas

1970

Exposição do Núcleo de Gravadores de S.P. (NUGRASP)
Exposição do Grupo Caipira – MAC – Campinas
Exposição do Grupo Hoje – MAC – Campinas
Exposição “Gravura Brasileira” – Paço das Artes – SP
Exposição de Natal – MAC – Campinas
Exposição da Galeria Girassol

1971

Exposição do NUGRASP – MAM – Rio de Janeiro
Exposição do Grupo Hoje – MAC – Campinas
Exposição do Grupo Vanguarda – MAC – Campinas

1972

Exposição do I Festival de Informação Artística (FIA) – Campinas
Exposição do Grupo Hoje – MAC – Campinas

1973

Exposição “O Rosto e a Obra” – Rio de Janeiro – Galeria Grupo B
Exposição do Grupo Hoje – Centro de Ciências Letras e Artes - Campinas

1974

Exposição do Grupo Hoje – Centro de Ciências Letras e Artes - Campinas

1975

Exposição no Centro de Ciências Letras e Artes - Campinas

1976

Encontro de Arte em Capivari – SP
Exposição de Convivência Cultural – Campinas

1975

XIII Bienal Internacional de São Paulo — “SEMPRE”: (Escultura ambiental-conceitual).

1976

Bienal Nacional de São Paulo — Pinturas à óleo — Cabeças do “SEMPRE”

VIII Salão Nacional de Arte — Belo Horizonte — Pinturas — PERNAS

1977

XIV Bienal Internacional de São Paulo: “TABELA” filme super 8

Festival latino-americano de super 8 — Argentina

IX Salão Nacional de Arte — Belo Horizonte

IV Salão de Artes Visuais — Univ. Fed. do Rio Grande do Sul

IV Salão Nacional de Artes Plásticas — Goiânia — “CAIXEGO”

Festival de filmes super 8 — Curitiba

Festival de filmes super 8 — Campinas

1978

I Bienal latino-americana de São Paulo — “Alfabeto deformado metamorfose gráfica”

III Festival Internacional do novo super 8 — Caracas — Venezuela

Festival de filmes super 8 promovido pelo “GRIFE” — S. Paulo

Festival Nacional de filmes super 8 — Aracaju

XI Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba — Pintura óleo sobre tela — Prêmio Aquisição
Obra: “PARADA”

1980

Salão Nacional — Arte Boi — Montes Claros - MG (pintura)

1981

Foto-idéia — MAC — USP — São Paulo

1982

Salão Nacional — Arte-Boi — Montes Claros - MG (Desenho)

Salão de Arte de Ribeirão Preto — SP

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1964

Exposição “Experimental I” — Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas

Exposição das Doações de Artistas Campineiros para o Acervo do Colégio de Aplicação
Pio XII — Campinas

1965

Galeria IBEU — Rio de Janeiro (Copacabana)

Galeria da Aliança Francesa de São Paulo

Galeria do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas

Exposição na Universidade Católica de Campinas

1966

Exposição de Gravadores de S. Paulo — Galeria 4 Planetas — SP

Exposição no Museu de Arte Contemporânea de Campinas

Exposição na Galeria Aremar — Campinas

1977

Coletiva de Artistas Campineiros — Galeria Banco Sul-Americano

1978

Coletiva na Galeria do BNH — Campinas

Exposição da "Equipe Pesquisa 8" — Galeria do Centro de Convivência (Pintura, desenho e cinema)

1980

Coletiva no Museu de Arte contemporânea — "Grupo Vanguarda"

Arte no Shopping — "Shopping Cassino Atlântico", à convite do crítico — Jaime Maurício.

1983

Coletiva Artistas da UNICAMP — Galeria Reitoria UNICAMP

Coletiva Artistas da UNICAMP — Congresso dos Reitores — Campinas

1984

Coletiva Galeria Jardim Contemporâneo — Ribeirão Preto — SP

PARTICIPAÇÕES E EXPOSIÇÕES NO EXTERIOR

1967 — Participação na Bienal "Prêmio Internazionale Biella per L'incisione - Biella - Itália

1968 — I Bienal de Gravura — Quito — Equador

1971 — Participação na Bienal "Prêmio Internazionale Biella per L'incisione - Biella - Itália

1977 — Festival latino-americano — Super 8 — Argentina

1978 — III Festival Internacional do Novo Super 8 — Caracas — Venezuela

1980 — XIX Prêmio Internacional de dibujo Joan Miró — Centro Estudos d'Art Contemporani — Barcelona — Espanha

— Exposição na sala de Cultura de La Caja de Ahorros de VIC — Barcelona — Espanha

1982 — Exposição de Gravura — Kanagawa — Japão

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1964 — Galeria Aremar — Campinas

1966 — Museu de Arte Contemporânea de Campinas

1967 — Galeria da Aliança Francesa de Campinas

1971 — Galeria Girassol — Campinas

1972 — Galeria Black-Stream — Ribeirão Preto — SP

- 1974 – “10 anos de Arte Contemporânea de Bernardo Caro” – Galeria do Tênis Clube de Campinas
- 1976 – Museu de Arte Contemporânea de Campinas
- 1976 – Montagem do trabalho “SEMPRE” nos jardins da Sociedade Hípica de Campinas
- 1976 a 1977 - Montagem na Avenida principal do “CAMPUS” da Pontifícia Universidade Católica de Campinas da obra “SEMPRE” cuja decomposição ao tempo levou 432 dias.
- 1983 – Galeria da Reitoria - UNICAMP

CITAÇÕES EM DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS, REVISTAS, ETC.

Biografia e reprodução: Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos – MEC
 Biografia e reprodução: Grande Enciclopédia Delta-Larousse
 Biografia e reprodução: Enciclopédia Universo (volume dicionário)
 Biografia no Dicionário de Artes Plásticas de Roberto Pontual
 Reprodução da obra “SEMPRE” na revista CULTURA DO MEC – pg. 56 - ed. 20
 Calendário de Arte “BOSCH” da Robert Bosch do Brasil – 1975
 Citação na revista “CULTURA” nº 20, pg. 100, do MEC – Artigo sobre a Escultura Brasileira de Clarival Valadares
 Manchete Histórica – “30 anos de Manchete” – 1982
 Arte no Brasil – volume 2 – Abril Cultural – pg. 964

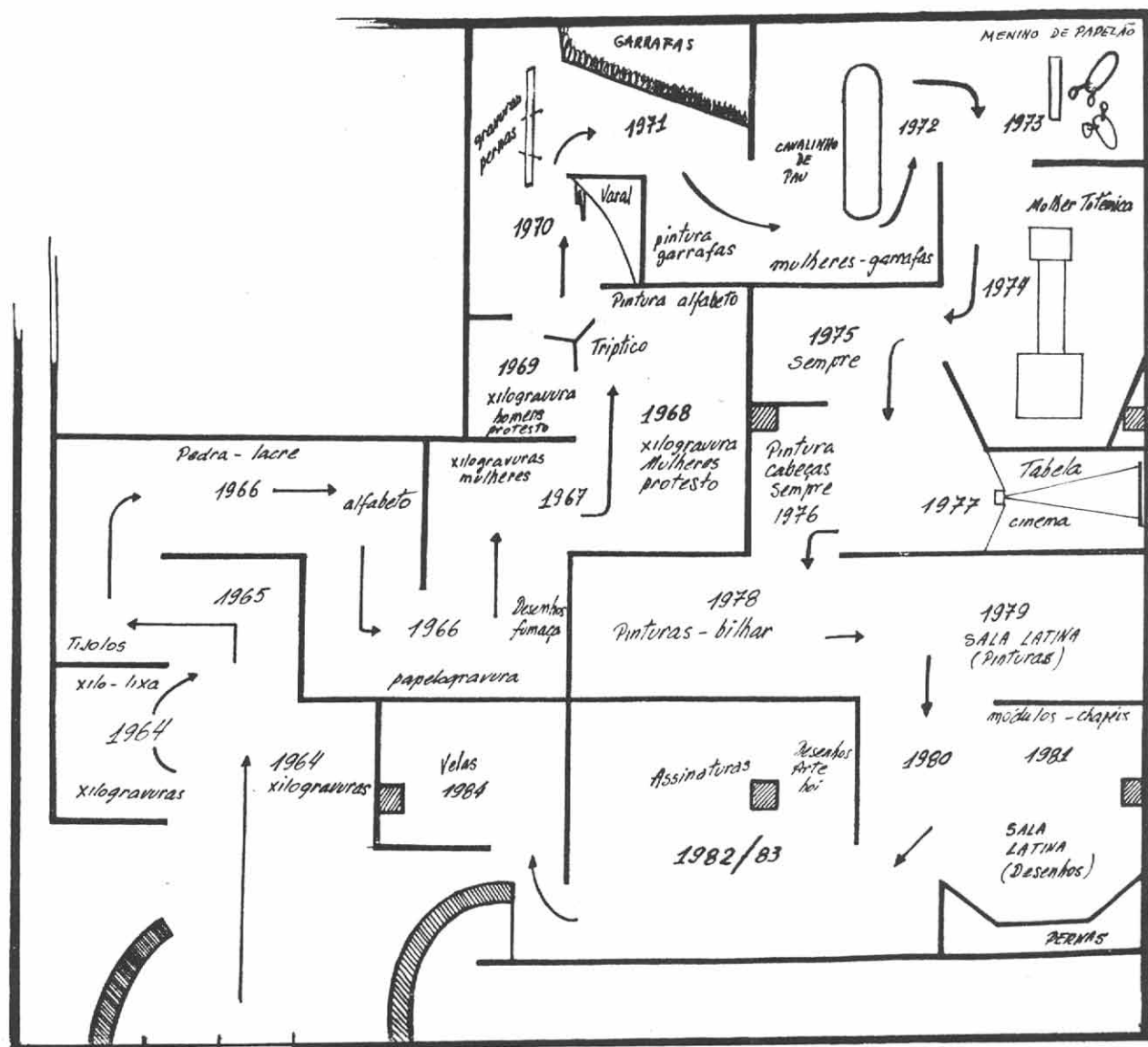
PRÊMIOS

- 1964 – Menção Honrosa – VIII Salão Bauruense de Belas Artes – SP
- 1965 – III Prêmio de Desenho Nacional – XX Salão de Belas Artes de Belo Horizonte
- 1965 – Menção Honrosa – I Salão de Arte Contemporânea de Campinas
- 1965 – Prêmio “Medalha de Bronze” – XV Salão Paulista de Arte Moderna S.P.
- 1966 – Prêmio Aquisição – XVI Salão Paulista de Arte Moderna – S.P.
- 1966 – Prêmio Folha de Prata no I Salão de Pesquisas Operacionais da Folha de São Paulo
- 1967 – Prêmio Aquisição “Itamarati” – IX Bienal de São Paulo
- 1967 – Prêmio Aquisição: Banco Cidade de Campinas – III Salão de Arte Contemporânea de Campinas
- 1967 – II Prêmio de Gravura Nacional – XXII Salão de Belas Artes de Belo Horizonte
- 1968 – Prêmio “Medalha de Prata” – XVII Salão Paulista de Arte Moderna – SP
- 1968 – Prêmio “Medalha de Ouro” – I Salão Oficial de Piracicaba
- 1969 – Prêmio Aquisição no V Salão de Arte Contemporânea de Campinas
- 1969 – Prêmio Aquisição no II Salão Oficial de Piracicaba
- 1971 – Prêmio Aquisição no 28º Salão Paranaense – Curitiba
- 1971 – Prêmio Aquisição no VII Salão de Arte Contemporânea de Campinas
- 1971 – Prêmio “Medalha de Prata” em escultura no IV Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba – SP
- 1972 – Prêmio Aquisição – VIII Salão de Arte Contemporânea de Campinas
- 1974 – Prêmio Bienal Nacional

- 1976 — Prêmio Aquisição do VIII Salão de Arte — Belo Horizonte
- 1977 — Prêmio melhor trilha sonora — “TABELA” — Festival Super 8 Curitiba
- 1977 — Prêmio melhor filme experimental latino-americano — Argentina
- 1978 — Prêmio melhor filme experimental — Festival Super 8 — Campinas
- 1978 — Prêmio melhor filme de arte — Festival Super 8 — Aracaju “TABELA”
- 1978 — Prêmio Aquisição de pintura — XI Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba
- 1982 — Prêmio Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais — Salão Nacional “Arte-boi”
— Montes Claros — MG
- 1982 — Prêmio Aquisição — Salão de Gravura Brasileira — Curitiba — Paraná
- 1982 — Prêmio Aquisição — Salão de Arte de Ribeirão Preto
- 1982 — Grande Prêmio “Cidade de Campinas — XV Salão de Artes Plásticas de Piracicaba

OBRAS EM ACERVOS

- Pinacoteca do “Lord Mayor” — Londres (Inglaterra) — “MULHERES X PROTESTO AZUL”
- Departamento de Artes Visuales da Union Panamericana — Washington — USA — “DESENHO”
- Acervo do Itamaraty — “MULHERES X SARAVÁ”
- Museu de Arte de Belo Horizonte — “DESENHO II”
- Museu de Arte Contemporânea de Campinas:
 - Gravuras — “PROTESTO I”
 - Gravuras — “PROTESTO II”
 - Gravuras — “PROTESTO III”
 - Montagem: Triptico — fases A.B.C.
 - Montagem: “O ALTAR”
 - Montagem: “VITRINE FANTASIA”
- Museu de Arte de Belo Horizonte:
 - Gravuras: “MULHERES X DESTINO”
 - “MULHERES X PERDIÇÃO”
 - “MULHERES X RITUAL”
- Museu de Arte de Curitiba — “GRAVURA”
- Museu de Arte de Florianópolis — “PINTURA”
- Pinacoteca do Estado de São Paulo — Gravura “1º DE ABRIL”
- Casa da Cultura de Piracicaba — Gravura — “MULHERES X AMOR IMPOSSÍVEL”
- Acervo da Fundação Álvares Penteado — “GRAVURA” — São Paulo
- Museu de Arte Moderna da Pampulha — Belo Horizonte — Pintura - Óleo s/tela “NOTURNO”
- Casa da Cultura de Piracicaba — “LATINO” (Pintura a óleo)
- Casa da Gravura — Curitiba — Paraná
- Casa da Cultura — Ribeirão Preto — SP — Desenho
- Pinacoteca da Secretaria de Cultura de Montes Claros — MG — Desenho
- Acervo UNICAMP — Campinas — SP — Pintura
- Acervo D. Juan Carlos de Bourbon — S. Majestade Rei da Espanha — Pintura
- Acervo Carl Gustaf — S. Majestade Rei da Suécia — Pintura



Agradecimentos:

HONÓRIO CHIMINAZZO IMÓVEIS E COMÉRCIO LTDA.
Rua Dr. Quirino, 1687 - Centro
Campinas - S.P.

PLASTICÔTE DO BRASIL (REVESTIMENTOS) S.A.
Rua Luiz Coutinho Cavalcanti, 734 – Rio de Janeiro

ANDERSON
TRANSPORTES TURÍSTICOS LTDA.
Ônibus para: turismos, excursões e fábricas
Rua João Batista Alves de Souza, 116
Campinas - S.P.

MOLDURAS PALÁCIO
Molduras em Alumínio, Madeira p/Telas, Desenhos,
Posters, Espelhos, etc.
Rua Dr. Costa Aguiar, 438
Campinas - S.P.

TORO
Indústria e Comércio Ltda.
Av. Toro, 54 – Bairro Serraria – Diadema – SP.
PABX 445-4622

EXPOSIÇÃO

Coordenadoria do Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti":

Raquel Maria de Almeida Prado

Clélia Berenice Corrêa Pimentel

René Amaral Leitão - assessor administrativo

Pesquisa e Organização:

Suely Pinotti — IA — UNICAMP

Participação no Projeto:

Professores e funcionários dos Deptos. de Artes Plásticas, Música e Artes Cênicas — IA — UNICAMP, e do Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti"

Documentação:

Anna Gagliardi — IB — UNICAMP

CATÁLOGO

Organização e Projeto Gráfico:

Berenice Henrique Vasco de Toledo — IA — UNICAMP

Arte Final:

J. Noboru Ohnuma — IA — UNICAMP

Fotografia:

Fúlvia Gonçalves — IA — UNICAMP

Henrique de Oliveira Júnior

Pedro Jiménez Gómez - Serviço de Documentação Científica - UNICAMP

Copyright "Agência Estado" (AE) — fotos nºs 35 A, 35 B, 45 A

Copyright "Revista Manchete" — foto nº 45

Copyright "Revista O Cruzeiro" — foto nº 42

ASSESSORIA

Apoio a Eventos da UNICAMP

Coordenador: Hannibal Barca de Lima e Castro

Técnicos de montagem que atuaram nas Bienais, Exposições e Salões de Arte:

Edson Renato Zago

Hermann Henrique Queiser

Luiz Carlos de Carvalho

Nídio de Godoi

Roberto Estevam de Oliveira

Walfredo Sgarbi Sanchez

VÍDEO/DOCUMENTAÇÃO — LIMEC — UNICAMP.



DESTAK
DESTAK
DESTAK
FOTOLITO

— Rua Cristóvão Colombo, 162

UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas
Caixa Postal 1170
13.100 - Campinas - SP - Brasil

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA "JOSÉ PANCETTI"
rua Benjamin Constant nº 1633
13.100 - Campinas - SP - Brasil

C156b

Campinas. Universidade Estadual. Instituto de Artes.
Departamento de Artes Plásticas.

Bernardo Caro: proposições 1964-1984; Organizado
por Berenice Henrique Vasco de Toledo. Campinas ,
UNICAMP, Gráf. DGA-6, 1984.
138p.

Trabalho realizado sob o patrocínio de: Prefeitura
Municipal de Campinas. Secretaria Municipal de
Cultura, Esportes e Turismo. Museu de Arte Contemporânea
"José Pancetti".

CDD 730.981 61CA
CDU 73(816.1)Ca